



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

O brasileiro é honesto?

Convenhamos, no quadro atual a pergunta não deve gerar estranheza! Não passa dia sem informação nova dando conta de ladroagem, especialmente na esfera pública. Claro, quando a gente lembra o escândalo do leite aqui neste Rio Grande amado, temos que enfiar a viola na bolsa na cantilena de que só os políticos fraudam.

E o que roubamos neste nosso Brasil não é coisa pouca! Somos pobretões, mas com certa mania de grandeza com o que roubar pouquinho é coisa de pé de chinelo. Levantamento do Departamento de Competitividade e Tecnologia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) revelou que chega a 69 bilhões por ano os prejuízos econômicos e sociais causado ao Brasil pela corrupção. O que daria para fazer com essa grana? Com certeza daria para acabar com o caos existente na área de segurança e, de quebra, reduzir drasticamente essa roubalheira.

Estudo efetuado nos Estados Unidos aponta cinco causas para a pobreza de uma Nação: a ignorância (aqui como a falta de informações básicas importantes), a doença, a apatia, a dependência e a desonestidade. Pimba, na mosca, é ou não? Um olhar sobre as regiões subdesenvolvidas do Planeta pode ser ilustrativo: onde roubam muito a pobreza é grande (e nós procurando todo tipo de culpados!). Tem mais, embora pensamento em contrário entre nós brasileiros há a sensação de que roubamos parelho. Rico, pobre, remediado, preto, branco, amarelo, estudado ou analfabeto, de esquerda, de direita ou de centro, liberar ou conservador, nessa área não existe discriminação. Roubamos sem parcimônia, essa é a impressão.

Voltando ao início com a pergunta provocativa: afinal, o brasileiro é honesto? Se a maioria da população não fosse honesta já estaríamos no caos total, mas é relevante responder a indagação, porque, por exemplo, a postura da classe política revela o tipo de sociedade que representa. Diferentes levantamentos, feitos por diferentes brasileiros paciosos, mostram interessante lista com mais de 40 atitudes do nosso cotidiano que fustigam nosso grau de honestidade. Ou seria, relativizam nosso grau de honestidade?

A tenebrosa listinha inclui o saque a cargas de veículos acidentados em estradas, a colocar o nome em tarefa de aula que não fez, a compra consciente de produto pirata, fazer gato de luz, de água, de TV a cabo, a alteração do velocímetro do carro, a redução da idade do filho pagar entrada menor, a compra de recibo para burlar imposto de renda, a pegar atestado médico sem estar doente, negociar o voto na eleição... A listinha é por demais longa e cada um pode aumentá-la de acordo com as idiosincrasias peculiares.

Ah, sim, por que tratei do assunto agora? Primeiro: porque a imprensa gaúcha amanheceu no dia 10 de janeiro informando sobre esquemão envolvendo funcionários e dirigentes de duas secretarias estaduais, além de empresários no superfaturamento de contratos para reformas de escolas gaúchas (justo nós gaudérios?). Segundo: porque não consigo controlar certa irritação que faz ferver os miolos quando dizem que se rouba mais agora do que na época da ditadura militar. Que dizer, ouvir que hoje se rouba mais do que no período de exceção é dose que mamute siberiano suporta!



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Pedofilia, a tragédia no silêncio

O Comitê sobre Direitos da Infância da Organização das Nações Unidas (ONU) pediu à Igreja Católica que "atue com maior resolução contra os abusos sexuais de menores", um escândalo mastodôntico que a Santa Sé é acusada de ter tentado abafar.

Trata-se de algo inimaginável até recentemente e tem efeito de vulcão expelindo lava incandescente. E coloca, definitivamente, a pedofilia, (abuso sexual de incapaz) – a maior brutalidade cometida pelo ser humano contra criança – na ordem do dia, pois se a Igreja Católica, com todo o carisma, poder e força moral purga publicamente os erros de alguns de seus integrantes nada mais restará intocável. Nem aqueles ricos senhores gordos que abusavam de meninos e meninas por moedas e picolés...

Nem o cinismo (acobertador desse crime no Ocidente e no Oriente pela postura equivocadas de proteção a clérigos e/ou preceitos religiosos) agora poderá jogar para debaixo do tapete a cultura de violência que, de forma silenciosa e requintes de crueldade física e psicológica, traçou um destino de infelicidade e dor para milhares de crianças. Até porque o Papa Francisco não economizou palavras a respeito: "Vergonha que fez da Igreja alvo de escárnio".

Para Sara Oviedo, da equipe de investigação do Comitê da ONU o exemplo que a Santa Sé precisa dar deve assentar um precedente. Tem de marcar um novo enfoque. E, com certeza, marcará possibilitando atingir outros recantos do Planeta. Conforme a imprensa "a investigadora fez seus comentários em audiência na qual, pela primeira vez, uma delegação do Vaticano prestou explicações ao Comitê para os Direitos da Infância sobre os abusos cometidos por religiosos católicos contra menores".

Afirmar que se trata de lava de vulcão e nada restará intocável foi a forma que encontramos para lembrar que a tragédia não tem local específico, o abuso de crianças é algo mais amplo do que se imagina e – como a maioria sabe – pode ocorrer a partir da família, através do pai, do padrasto, do avô, do tio, do irmão, de qualquer parente. Não há lugar seguro para o menor, o perigo pode estar na casa do amigo, na casa da pessoa que cuida da criança, na casa do vizinho, na casa do professor.

A ONU, ao trombar de frente, sem meias palavras, com instituição tão poderosa mostra que iniciamos algo novo para enfrentar com mais determinação este antiga e, repito, silenciosa tragédia cotidiana. Com a quebra do silêncio inguém mais é intocável, vai sair faísca, mas há novas esperanças no ar, pois foi desse modo que começou o enfrentamento mundial de outra chaga perversa: a violência contra a mulher.

Quem ouviu depoimento de adulto que expressou o que foram os anos de sofrimento silencioso após o abuso sexual na infância conclui que dificilmente há algo mais hediondo, mesmo com a imensa capacidade de produzir maldade que nós os humanos possuímos. A trombada entre ONU e Igreja romperá, com o tempo, as amarras que aprisionavam a mente das pessoas quando se trata de abuso de criança: o medo e a ignorância faziam-nos cúmplices da tragédia. Mais livres teremos parâmetros para entender atitudes que pareciam estranhas de parte de algumas mães que faziam esforço hercúleo para impedir que seus filhos pequenos ficassem muito tempo sozinhos com adultos, mesmo sendo entre conhecidos.

O amanhã não vai ser fácil, mas há que reconhecer que avançamos.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Nem que a vaca tussa e outras expressões

Existem coisas, a própria vida ensina, nem precisa de professor, que a gente não deve fazer nem que a vaca tussa. Quem avisa amigo é, mas não adianta, tem quem se acha o rei da cada que preta termina dando com os burros n'água e só depois disso se dará conta de que não adianta ir se queixar para o bispo por causa dos estragos feitos.

A vida é assim mesmo, o cidadão é da pá da virada, não houve os conselhos (é preconceituoso, acha que se conselho fosse algo bom, que realmente funcionasse seria vendido e não passado gratuitamente) e depois fica chorando a morte da bezerra.

Veja o caso do cara com estomago de avestruz: come a dar com o pau e depois, chamando o "hugo" e em lágrimas de crocodilo, jura de pés junto pra mamãe que foram só duas picanhas e salada de rúcula com tomate. Ou teria sido a rodela de palmito?

Este mundo velho sem porteira está cheio de gente abençoada pelos céus que possui memória de elefante e olhos de lince, mas que desanda pro lado dos peraus por coisinha de nada, como se fosse vítima desatendida do sopro de um capeta sapeca. O rei Juan Carlos da Espanha, por exemplo, perdeu a majestade por que resolveu dar um tirinhos nos elefantes e nos linces.

Outra coisa muito corriqueira, que vai daqui até onde o diabo perdeu as botas, é o canto dos cisnes diuturnamente caindo no ouvido sem que o cidadão se dê conta de que estão dourando a pílula; submetido ao trotar do água mole em pedra dura tanto bate até que fura ele acaba caindo como patinho no conto do vigário aplicado por políticos que ao final são apenas especialistas em dar um contundente abraço de tamanduá.

A ignorância é o calcanhar de Aquiles no mundo da politica, isso se deve admitir e, reforçar, também, que o pior cego é aquele que não quer enxergar. As utopias (quem consegue distinguir o que é esquerda e o que é direita?) chegam de mansinho, faceiras e de mãos abanando, sem eira bem beira, ninguém entende patavina do que expressam, pois, dizem seus arautos, o que trarão de maravilhoso está guardado a sete chaves e, quando menos se espera, ficamos a ver navios bem no meio do deserto inclemente.

No caso, por outro exemplo, dessa guerra na internet entre militantes do PT do mensalão e do PSDB do mensalão mineiro sobre quem roubou menos os antigos diriam o que? Simples, eles que são brancos que se entendam.

Ficamos cheios de dedos, de nhenhênem e de fricotes, sem condições de tirar o cavalinho da chuva, rasgando seda, sempre que chega a hora de definir o que é esquerda ou direita e acabamos decidindo nas coxas. Aí ficamos pasmos, com cor de burro quando fuge, procurando bode expiatório para a vaca que foi pro brejo e, não raro, atrás das grades ou vivendo como cordeirinhos.

Como disse no início destas mal traçadas linhas, existem coisas que não se deve fazer nem que a vaca tussa em nossa frente e use lencinho para se limpar e uma delas é cair na cantilena de quem, maquiavelicamente, dividiu o mundo entre esquerda e direita com a agravante de colocar os bons do lado esquerdo (que seriam, hoje em dia, os socialistas – como os tiranos de Cuba e da Coréia do Norte?) e os maus do lado direito (que seriam, hoje em dia, os capitalistas – como os americanos e europeus?). Você é livre para decidir o que pensar, mas não se queixa que em caso de erro não vai encontrar um bispo para queixar e nem quem profira um voto de Minerva.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Por um prato de comida

No meu imaginário o prato e comida ocupa lugar instigante. O que ocupa espaço em nossas mentes raramente ali está só por um motivo, as causas são múltiplas. Um fator forte para essa questão do prato de comida é que fui educado tendo o alimento como algo sagrado: nada, absolutamente nada, do grão de arroz ao farelo de pão, podia ser desperdiçado. Serviu no prato coma, mesmo que vomite depois.

Outro fator se relaciona, talvez, à humilhação de esperar de terceiros o prato de comida do dia a que se tem direito. A dúvida quanto aos suprimentos de amanhã ganha contornos de tortura (sem força de expressão). Quem não passou por tal circunstância, mesmo por período curto, não tem ideia do significado disso. Não há como esquecer essas coisas! Sim, veio o prato de comida, mas veio também o apoio para superar a dramática situação de penúria – com enorme sacrifício, registre-se – com o que restam as lembranças do sofrimento, mas nenhuma vergonha!

O que mais era alcançado ao escravo no passado? O que mais era repassado ao peão de estância no passado? Tinham provedores, mas não eram cidadãos emancipados, eram tratados como bichos. Eram duas situações que, na pauta das nossas conversas de revolucionárias nos tempos da ditadura, serviam de exemplo para nossos sonhos sobre o tipo de sociedade que construiríamos. Em nossa opinião o prato de comida seria apenas o primeiro passo, não teria sentido algum alcançá-lo sem que ele fosse libertador das amarras da pobreza, da ignorância e, acima de tudo, da opressão que esmaga vontades.

Pão e liberdade tem algo mais altivo, mais nobre? Nossos líderes garantiam que isso seria possível se um dia chegássemos ao poder! E nós chegamos... E aí???

E fora as duas situações – de peão e escravo – sou de um tempo em que muitos trabalhavam por um prato de comida. Quando havia um copo de leite, então... E muitos dos que conheci nessa situação foram longe em termos de ganhos econômicos, deram a volta por cima porque havia algo mais. Mas é um tempo (trabalhar por um prato de comida) que passou, ou deveria ter passado!

Entre os anos de 1950 quando guri de calção e chapéu de palha subia no arado de bois para forçar penetração da lâmina na terra úmida e os dias de hoje a agricultura deu salto extraordinário e não há justificativa para que falte alimento a quem quer que seja. Quando conto que nos anos de 1970 fiz matéria especial em lavoura de trigo gaúcha que fechara a colheita com média de 1.100 quilos por hectare o cidadão sorri.

O que evoluímos em insumos, sementes, máquinas, trato do solo desde então é tão espantoso que só a ignorância, a tirania, a incompetência, a covardia, o oportunismo, a corrupção, a demagogia dos governos mantém milhões em situação de inanição.

Assim, qualquer esforço governamental para impedir que falte o alimento na mesa de qualquer pessoa é sempre bem-vindo, impossível ser contra. Mas há um detalhe transcendente sem o qual a nobreza do gesto desaparece: é preciso estar determinado a fazer com que essa mesma pessoa se torne pescador logo adiante.

Reitero: o que discutíamos no período de exceção como agentes da revolução a ser implantada no Brasil, difere do Bolsa Família que vai assumindo a conotação de provedor que não emancipa – o pão chega e não está trazendo liberdade. Isso aquela direita que condenávamos sabia fazer com maestria, não é necessário imitá-la...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto Ditaduras de esquerda ou ditaduras de direita?

Estou convencido: a gente apreende pouco na vida porque incorporamos viseiras com estonteante naturalidade. Eu, por exemplo, levei um tempão para compreender que as ditaduras são todas iguais. O viés ideológico, em regra por ignorância, inventa que uma ditadura pode ser diferente da outra: pura e total bobagem. No momento em que marcamos 50 anos do golpe militar de 1964 creio importante refletir sobre isso.

Anote aí, de esquerda, de direita, de centro, nada disso importa, ditadura é fogo. Todas as tiranias tem um procedimento padrão, uma receita universal. Todas prendem, torturam, matam, humilham, fuzilam a liberdade, esmagam vontades. O objetivo de qualquer ditadura é reduzir o ser humano a um zero à esquerda. O sonho de qualquer tirano – de esquerda, de direita, de centro – é fazer com que o medo quebre a espinha dorsal da pessoa para transformá-la num ente dócil à sua vontade. Em outras palavras, as ditaduras fazem de nós um nada. Elas produzem o nada, Sartre à parte!

Precisamos nos convencer, de uma vez por todas, que ditadura é ditadura, ponto final. Não importa se matou 424 pessoas como a brasileira, de direita, ou 30 mil como a argentina, de direita, se fuzilou 17 mil sem julgamento como a cubana, de esquerda, se dizimou 25 milhões de pessoas como a da Rússia, também de esquerda, ou se matou 2 milhões como a do Camboja, de esquerda ou matou 9.800 como a chilena, de direita.

Não creio ser exercício pedagógico ficar computando quais as ditaduras – se de esquerda ou de direita, se as apoiadas pelos Estados Unidos ou pela Rússia – mataram mais, torturaram mais, prenderam mais, humilharam mais. Nós, brasileiros, precisamos deixar de ser tolos (a expressão “babacas” é forte demais?) e não tolerar que nossa vontade tenha que estar subordinada à vontade de qualquer potência ou governo tirano.

Falei isso a propósito dessa maluca tentativa, no final de semana, de mobilizar o povo para pedir a volta da ditadura. É algo totalmente absurdo, mas, se deixarmos de ser hipócritas, veremos que, também, é totalmente compreensível dentro da esdrúxula realidade brasileira. Quando o cidadão ouve uma autoridade brasileira (inclusive ligada aos direitos humanos) defender cinicamente a ditadura cubana, de esquerda, ele, bisonhamente, acredita que a resposta a tal absurdo é reivindicar ditadura de direita.

Mais, quando se vê pessoas, inclusive professores tidos como doutos, justificar os crimes de Lênin/Stálin na Rússia, os crimes de Fidel em Cuba, os crimes de Mao Tse Tung na China, a gente começa ver, também, infelizmente, pessoas querendo justificar os crimes dos generais brasileiros e argentinos, os crimes de Pinochet e, inclusive, os crimes do nazismo. Em nome da liberdade, em nome da democracia, não podemos entrar nessa polêmica esquizofrênica.

Outra coisa, se você ouve um cidadão defender a Comissão da Verdade para apurar o que ocorreu na ditadura brasileira – algo oportuno e necessário – e ao mesmo tempo ouve ele defender a tirania cubana, desconfie de seus propósitos.

Finalizo: o mundo colocará ponto final na sua história de violência quando todos (inclusive intelectuais) tratarem com idêntica veemência e ojeriza os crimes das ditaduras de esquerda e de direita. A final, por que crucificar apenas um lado do terror?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Como os gaúchos votarão?

Finalmente – e infelizmente pela circunstância – nós, os sul-rio-grandenses e os gaúchos, chegamos à unanimidade: nosso Estado está à beira da falência. Devemos até a ceroula, mas continuamos arrotando grosso! Quando falei isso outro dia alguém retrucou: até que isso não é tão pior, se jogarmos a toalha a coisa ficará mais feia ainda. Perder a majestade agora só agrava o problema! Quer dizer: comer feijão seco e arrotar peru é preciso para manter as aparências...

Nesse quadro discutido à exaustão nos últimos anos fica a expectativa pelo discurso que o candidato a ocupante do Palácio Piratini vai fazer em busca do nosso voto. Estamos curiosos sobre o que ele vai dizer no rádio e na televisão, durante o horário eleitoral, sem cair no ridículo no dia seguinte à eleição, repetindo o vexame do governador Tarso Genro que prometeu pagar piso para os professores e vem enrolado ao ponto de seus próprios companheiros ligados ao magistério protestarem.

Nesse quadro há uma pergunta que desconforta: alguém vota em candidato que não faça promessa mirabolante, dessas absurdas que são difíceis de cumprir? Sim, tem gente que não vai atrás de papo furado, mas raramente elege o seu candidato preferido. Que coisa esquisita essa da razão não aparecer na hora do voto!

Nesse quadro o fundamental não está no candidato de fala bonita aos nossos ouvidos, me disse um atilado observador do cotidiano gaudério. O ponto crucial, afirmou ele, está em nós, os eleitores, que adoramos uma conversa de faz de conta, que temos preguiça em questionar a fundo o que diz quem postula nosso voto, que fugimos da realidade e gostamos (será que Freud explica?) de ser enganados. O candidato – disse ele – é um de nós, sai do nosso meio, e por isso ele sabe como funciona nosso cérebro de eleitor e não pode ser condenado se a conversinha dele acerta na mosca.

A maioria dos eleitores votaria num candidato a Governador do Estado do Rio Grande do Sul que mostrasse matematicamente a situação da dívida, a total falta de condições do Estado para prestação de serviços na área de saúde, educação, segurança, saneamento, cultura, estradas? A resposta fria nos deixará, como eleitores, sem ação. O Estado do Rio Grande do Sul está na UTI e a tradição mostra que quem vier com a receita nua e crua certamente não receberá o aval para executar o tratamento adequado.

Segundo os marqueteiros – profissional que conhece bem a cabeça do eleitor –, época de eleição é momento para renovar as esperanças da comunidade, com o que o candidato precisa e deve se manifestar com otimismo e isso só é possível prometendo; como são vários candidatos um vai prometendo mais do que o outro e nós acabamos votando – ao menos aqui no Rio Grande – nas propostas mais mirabolantes. É contraditório, mas é assim: somente se refaz a esperança com um realismo fantástico.

Nunca antes a situação de penúria do aparato estatal ficou tão evidente, tão clara como agora e será que as eleições de 2014 ao Palácio Piratini produzirão algo de novo? Falta pouco para a prova dos nove!



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Passo Fundo não pode ser a Capital Nacional da Literatura?

A interessante polêmica do momento é curta e grossa: como não possui escritores Passo Fundo não poderia ostentar o título de Capital Nacional de Literatura, merecido galardão que veio pelas memoráveis jornadas nacionais, iniciadas nos anos de 1980 com aval do grande escritor gaúcho Josué Guimarães. É paradoxo que nem a equipe da Tania Rösing e a Universidade de Passo Fundo, responsáveis pela iniciativa, explicam: como uma pequena cidade do interior do Brasil, sem escritores, sublinhe-se, ousou (e consegue) realizar um dos maiores eventos literários da América do Sul?

Pelas barbatanas dos tubarões martelo, o que pretende essa gente com um evento tão grandioso que traz, de todas as partes do Planeta, gente que escreve para um lugar onde não tem gente que escreve? Como ninguém se deu conta disso? Tem algum tempo que fico matutando sobre o assunto e nada de conclusão mais objetiva, inclusive porque que as incongruências não ficam apenas nessa questão.

Existem outras estranhezas (ou seria bizarrice?) locais e até nacionais. Como explicar, por exemplo, a existência, por 75 anos, de uma academia de letras numa cidade que não teria escritores? É algo como ter aqui uma Academia Passo-fundense de Energia Nuclear! É ou não é?

Em termos de Brasil, a dúvida que assaltou recentemente indaga: existe escritor brasileiro? É natural tal questionamento dentro da perspectiva que alimenta a polêmica que assola Passo Fundo: país que possui escritor já ganhou Prêmio Nobel de Literatura! É ou não é? Como sonhar com um Nobel sem gente que escreve? O Peru tem Nobel, o Chile, tem dois, a Colômbia (o fantástico Garcia Márquez faleceu na semana passada e antes do sucesso teve seus livros recusados por renomados editores do mundo), o Egito, a Nigéria tem, a África do Sul tem dois e o Brasil? É ou não é dose pra mamute?

Pois bem, estava enrolado nas compreensíveis angustias que uma questão dessa envergadura produz – ainda mais em pequena província como a nossa onde tudo é difícil e a coisa mais fácil é afetar a autoestima da gente – quando alguém ao meu lado resolveu dar alguns pitacos na polêmica. Objetivamente a pessoas lascou: “tanto quanto eu sei a Jornada Nacional de Literatura, que começou como Jornada Sul-riograndense de Literatura, veio para formar leitores”.

Bingo! Formar leitores! Sim, sim, num país onde se lê pouco (e ponha muito pouco nisso) é imprescindível realizar ações que estimulem o hábito da leitura, algo que Passo Fundo faz com maestria. É isso, em primeiro lugar ler, mas ler muito, para depois escrever. (Embora alguns defendam que os primeiros escritores da humanidade não tinham nada para ler quando se jogaram na tarefa de escrever; isto significa que primeiro veio o livro e depois chegou a leitura – mas isso já é outra polêmica).

O fantástico, portanto, nessa deixa, é que nós passo-fundenses não precisamos abdicar do título de Capital Nacional de Literatura (fizemos por merecê-lo), nem ficar encabulados pelo fato de afirmarem não existir escritores aqui nesta amada terrinha. Afinal, não podemos querer tudo: incentivar a leitura já é uma causa nobre.

PS.: Agora, não sei opinar sobre o que fazer com a Academia Passo-fundense de Letras diante dessa incompreensível afirmação da não inexistência de escritores locais. Por decorência, nem o que fazer com a Academia Brasileira de Letras...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

A propósito das companhias

Nada mais ameaçador para os pais abnegados do que as más companhias. Mamãe temia menos o capeta do que elas. É o que ela me dizia quase todo santo dia. Como boa católica sempre estava atenta aos sermões dominicais do padre da Matriz de Santo Antonio. Seguidamente ele tratava dessa questão e certa vez disse: todos nós somos influenciados, para o melhor ou para o pior, pelas pessoas com quem convivemos cotidianamente. Eis algo tenebroso, assustador, diabólico: o inimigo morar dentro da casa da gente!

Há muitas passagens sagradas sobre o tema: 1) Provérbios 13:20: Anda com os sábios e serás sábio, mas o companheiro dos tolos sofre aflição; 2) Coríntios 15:33: Não vos enganeis. As más companhias corrompem os bons costumes; 3) Gálatas 5:7-9: A influência de má companhia pode ser desastrosa; Provérbios 12:26: O justo é cauteloso na amizade, mas o caminho dos ímpios os faz errar.

Diante disso pode-se afirmar que a má companhia é invenção diabólica? Ainda hoje não saberia definir o que é má companhia. Sei, que ela desorienta, desvirtua, quebra o que denominamos vida fluindo na normalidade. Desafia, com altiva arrogância, a tudo e a todos. Não fosse a intrigante influência que exerce sobre a pessoa de bem, de forma imperial, o mundo não listaria tanta mazela, não sofreria tanta atrocidade, tanto horror, não teríamos tanto medo do futuro.

A questão das más companhias sempre me intrigou! Embora não se tenha definição convincente é fácil entendê-la com exemplos dizia o professor de moral e cívica (disciplina imposta pelo golpe e que faz falta nestes tempos de democracia): mosca na sopa, cachorro com sarna...

Lembro, como se fosse hoje de manhã, dona Adalgira em prantos, abraçada ao cadáver do filho, morto com 18 facadas no beco escuro ao lado do bolão, gritar que se não fossem pelas más companhias, que ela não cansara de alertar desde que ele era pequeno, seu menino ainda estaria vivo. O futuro da humanidade depende da capacidade de nos livrar das más companhias, disse o pastor no velório.

O porém, nesse tema que a pessoas se debruçam a tanto tempo, é descobrir onde está uma má companhia antes dela começar a agir. É coisa difícil de fazer. Quando eu era pequeno, por exemplo, ninguém dava um níquel furado pelo Ivan: colava nas sabatinas, roubava araticum da viúva Joana, mentia que ia à missa e ia jogar futebol, aos 15 já andava pelo meretrício, era único da turma a fumar e a beber. Pois aos 17 anos ganhou uma bolsa de estudos num internato e hoje está sujeito a virar santo. Já o santinho do Rubens, menino mais certinho não havia naquele tempo, cumpre pena na cadeia local por latrocínio, extorsão e roubo.

Pensei, ao passar os olhos nas estatísticas malucas que o Brasil acumula em homicídios, roubos, estupros, assaltos, contrabando de armas e drogas e matutei: só falta às autoridades culparem as más companhias por esse caos entre nós...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Os haitianos & os remédios

UM – O que mais encontramos pelas calçadas, pelos becos, pelos comícios, pelos bares é gente esgualpada de tanto falar em direitos humanos. Falar! Entre nós há inclusive grupos que se apropriaram do direito de tratar de tão complexa universal questão, é gente que se especializou e vive disso. O governador do Acre, Tião Viana, do PT, pertence a um desses grupos e na semana passada demonstrou o quanto a covardia, a incompetência, a brutalidade podem estar escondida atrás de um discurso bonito para nos enganar na hora de uma eleição.

Diante da ausência de medidas cabíveis por parte do Governo Federal, a quem cabe a responsabilidade de um problema dessa natureza, dessa envergadura o apavorado Tião Viana jogou no lixo sua máscara de defensor dos direitos humanos e decidiu se livrar dos haitianos que chegam aos borbotões e estavam sem seu Estado.

O jornalista Elio Gaspari foi curto e grosso ao abordar esse triste episódio em O Globo: “na semana em que o Papa Francisco canonizou José de Anchieta, o governo do Acre completou a desova, em São Paulo, de 400 haitianos que se refugiaram no Brasil. É um truque velho, usado até mesmo com brasileiros. Quando um prefeito incomoda-se com a chegada de migrantes, dá-lhes algum dinheiro e passagem de ida para outro lugar, desde que não apareçam mais por lá”.

Diante da reclamação das autoridades de São Paulo pelo modo calhorda com que o Governador do Acre se livrou do problema que era seu, Tião Viana usou golpe baixo e apelou para a velha cantilena de que as “elites brancas paulistas” estavam fugindo da questão. O troféu Cara de Pau do ano vai para Tião Viana...

DOIS – Deu na “ZH”: em oito anos 60 TONELADAS de medicamentos foram parar no lixo por causa da incompetência dos nossos governantes. Não estamos falando de algumas caixas, estamos tratando de 60 TONELADAS, o que é uma quantia exorbitante se levar em conta o peso médio das embalagens. Trata-se de uma montanha de produtos postos fora por causa da falta de capacidade de gestão. Agora a gente compreende a irritação com que o empresário Jorge Gerdau criticou o caos administrativo implantado em Brasília e nos Estados. Estamos botando dinheiro fora pelo ralo sem atender as necessidades mais básicas da população.

Obviamente que ao fim e ao cabo não encontraremos a quem responsabilizar: segundo o jornal o secretário estadual da Saúde diz que a culpa é do Ministério da Saúde que remete medicamentos em excesso e com prazo curto de validade para o Rio Grande do Sul e a autoridade federal diz que só manda o que foi solicitado.

Isso não vai dar em nada, claro. É assim que a coisa funciona. Mas notem: se os remédios, cuja função é de vida ou morte para milhares de rio-grandenses, tem esse tipo de cuidado o que podemos esperar quando se trata de educação, estradas, portos, aeroportos? Mais de 135 mil gaúchos dependem dos medicamentos fornecidos pelo Poder Público e nós conhecemos o quanto eles sofrem nas filas e nas idas e vindas pelos postos de saúde e pelas farmácias oficiais em busca do remédio que sempre termina rapidamente.

Quantas pessoas tiveram seu estado de saúde agravado ou até morrido por falta dos remédios que a incompetência e o desprezo pelos cidadãos levou para o lixo?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Guareschi fez a hora

No contexto dos trepidantes e conflitantes anos de 1950/1960 em Passo Fundo (já centenária) o que de certeza existia era a bússola; ela cumpria sua função básica apontando o Norte. Desafios não faltavam. E existiam muitos sonhos; havia, por exemplo, o sonho da universidade e nesse caminho muitas pedras. Pedras aos borbotões. Espinhos, muitos espinhos de espécies e formas diferentes. Bolsões de areia movediça surgiam de supetão na trilha inóspita. O caminho também se mostrava difícil porque precisava ser definido na justa proporção em que eram dados os passos daquela que realmente se revelou uma longa caminhada.

Quem hoje corre por estrada asfaltada, com sinalização orientadora, avisos sobre desvios, indicativos sobre quando dobrar a esquerda ou à direita, com placas dizendo da velocidade permitida não tem a noção do desafio que era desbravar e ao mesmo tempo percorrer caminhos inóspitos.

No período mencionado a população se apoquentava por não se conformar com lacunas que poderiam condená-la ao atraso. Peleava-se com os governos do Estado e Federal (este pouco mudou, é arrogante mesmo quando envia algo) que faziam muxoxo às nossas aspirações. Olhar atento na realidade de hoje constatará que em matéria de escolas, hospitais empreendedorismo, Passo Fundo (e o Norte do Rio Grande do Sul) sempre arregaçou as mangas e só depois o Estado acordava e aportava algo.

Ao longe (mas influenciando) a trepidação e os conflitos não eram menores, alguns tangenciaram o apocalipse, como a Guerra Fria que quase esquenta quando os barbudos descem Sierra Maestra; documentos papais como Mater et Magistra, a Pacem in Terris, a Populorum Progressio, o Concilio Vaticano II aguçavam os sinais dos novos tempos e exigiam "aggiornamento". Ah, sim, as coisas ferveram mais com a ditadura que potencializou as contradições, abriu novas feridas e nos levou a forjar resistentes. O mundo está de pernas para o ar? – indagavam os mais perplexos.

Nesse cenário borbulhante de Passo Fundo entra em cena a figura extraordinária de um jovem sacerdote que vivenciaria os conflitos com a missão de incentivar o novo: Padre Elydo Alcides Guareschi. No púlpito, com a sabedoria dos simples, na formação de resistentes para o retorno democrático e na concretização dos sonhos comunitários, sempre disse "presente!". Não, não, nunca esteve só, nada fez sozinho, pelo contrário, sempre esteve junto ao grupo obstinado de homens e mulheres que construíam a história local. Com sua peculiar capacidade de "fazer a hora" Guareschi, ficou, desde o primeiro minuto, entre aqueles que edificaram essa que é a maior obra do Norte do Estado do Rio Grande do Sul em todo o Século 20: a Universidade de Passo Fundo. Na espinhosa e exitosa caminhada em busca da UPF teve presença viva em todos os momentos (mesmo quando aparentava estar ausente).

Vamos dizer assim: ele sempre foi grande entre os grandes, grande sem perder a humildade que caracteriza os grandes. Conheci poucos com sua capacidade de perdoar e de colocar o interesse coletivo acima de eventuais desavenças pessoais.

Aquela fé geradora da determinação que parece gerar milagres moveu Guareschi e a melhor maneira de homenageá-lo pela trajetória cumprida em Passo Fundo é dizer que ele sim foi homem que "fez a hora". É isso, ele não esperava acontecer!



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Secos & molhados

TRANSGÊNICOS – Levantamento da Safras & Mercado diz que a área de soja semeada com variedades transgênicas alcançou 85% da área total na safra 2011/12 no Brasil. No Rio Grande do Sul esse percentual é maior e o Estado faz farra da grossa comemorando a safra que alivia a barra da triste economia que anda aos trancos. Os gaúchos mandaram longe o tempo em que os luditas de bombacha traziam até vândalos franceses (lembra-se de José Bové?) para aporrinhar na onda de histerismo. Enquanto isso as dúvidas quanto aos OGM permanecem!

OS TRES REITORES – Murilo Coutinho Annes, advogado, Bruno Edmundo Markus, odontólogo e Elydo Alcides Guareschi, sacerdote foram os três reitores (ou seriam três tenores?) do período mais tumultuado, complexo e decisivo da construção e consolidação da Universidade de Passo Fundo. Sim, a UPF é uma obra coletiva e temos outros grandes reitores, mas, pelas circunstâncias históricas esse trio está cercado de características especiais e merece homenagem conjunta bem peculiar da comunidade.

ENTRELINHAS – Quando se trata de governo se comunicando com os súditos devemos prestar muita atenção nas entrelinhas (ou seria na semântica?). Nós precisamos levantar cedo, trabalhar, cuidar das pessoas ao redor e nem sempre temos tempo para longas meditações sobre a ação dos que nos comandam. Por exemplo: o Bolsa Família é um programa que visa ajudar o cidadão a sair da pobreza ou para aumentar a cesta de votos do governo de plantão? A operação militar dos americanos no Iraque se constitui na invasão de um país ou na libertação do povo das mãos de um genocida? Olho vivo!

GRANA AOS PARTIDOS – Anotem na caderneta: os 79,8 milhões de reais recebidos de doações pelo Partido dos Trabalhadores em 2013 são mais que a soma do dinheiro destinado ao PMDB, PSDB e PSB juntos, mostrou levantamento feito pelo jornal Folha de S. Paulo com as declarações dos partidos ao Tribunal Superior Eleitoral. As três siglas arrecadaram apenas 46,5 milhões. Um detalhe é cínico: em todos os casos, as empreiteiras são as maiores doadoras. Nesse contexto o Lula deve parar de criticar "as elites", ao fazer isso ele está sendo mal agradecido.

TAINÁ – No ultimo domingo a eficiente e simpática Tainá, jovem negra muito atenciosa e bonita encantava os clientes que passavam por seu caixa no mercado Zaffari da 15 de Novembro. Entre os vários motivos estava o charme de seu penteado. Quando passei no caixa e comentei seu cabelo alguém ao lado me olhou e disse: "vale ou não vale registro na sua coluna lá no Diário?" Vale, está feito o registro.

PAULO CERATTI – Defensor Público jubilado, Paulo Ceratti lembrou que sua primeira obra (Oratória) saiu nos anos de 1960 quando aluno do direito pelo então Diretório Acadêmico João Carlos Machado. Seguiram-se os livros O exercício da Advocacia, A defesa previa, Direito municipal e nós, advogados por editoras de Porto Alegre e São Paulo. Ex-presidente da Academia Passo-fundense de Letras apresentou obras de Pedro A. V. Fonseca, Ricardo Stolfo, Getulio Zauzza e Tânia Freddo. O Ceratti, cidadão passo-fundense pela Câmara de Vereadores tem duas novas obras que devem ser lançadas brevemente.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Jovens, a vida não é fácil

Posso ser ingênuo, mas creio que no universo político a maioria deseja acertar independente de partido. Entre as moveidas areias que nos perturbam está a falta da clara compreensão do papel do indivíduo no tecido social. O debate superficial entre "assistencialismo" e "pragmatismo" (ou seria "socialista/comunista" e "capitalista"?) sobre o papel do governo/Estado embaralha a razão. Na América Latina e África, para ficar no que nos afeta mais, cultuamos a filosofia do coitadismo – ressaltada por Mía Couto – dificultando o salto qualitativo para indivíduos e sociedade concomitantemente.

Ao visualizar os países pobres e o discurso das boas intenções (aquele que sem querer enchem os infernos) fui pesquisar receita do terceiro milênio que pudesse servir de guia a quem deseja se posicionar neste mundo conturbado. Queria fugir das lições dadas por obesos intelectuais sabichões cujas baboseiras poluem o terceiro mundo sem trazer coisas práticas. E encontrei algo interessante que, dizem, é de Bill Gates.

Gates, o cara da Microsoft, foi palestrar numa escola secundária. Chegou de helicóptero, tirou o papel do bolso e leu o escrito em menos de 5 minutos, foi aplaudido por mais de 10 minutos sem parar, agradeceu e foi embora em seu helicóptero.

O que estava escrito é muito interessante, leiam:

1. A vida não é fácil – acostume-se com isso.
2. O mundo não está preocupado com a sua autoestima. O mundo espera que você faça alguma coisa útil por ele antes de sentir-se bem com você mesmo.
3. Você não ganhará R\$20.000 por mês assim que sair da escola. Você não será vice-presidente da empresa com carro e telefone à disposição antes que tenha conseguido comprar seu próprio carro e telefone.
4. Se você acha seu professor rude, espere até ter um chefe. Ele não terá pena de você.
5. Vender jornal velho ou trabalhar nas férias não está abaixo da sua posição social. Seus avós têm uma palavra diferente para isso: eles chamam de oportunidade.
6. Se fracassar, não culpe seus pais. Então não lamente seus erros, aprenda com eles.
7. Antes de você nascer, seus pais não eram tão críticos como agora. Eles só ficaram assim por pagar as suas contas, lavar suas roupas e ouvir você dizer que eles são "ridículos". Então antes de salvar o planeta para a próxima geração querendo consertar os erros da geração dos seus pais, tente limpar seu próprio quarto.
8. Sua escola pode ter eliminado a distinção entre vencedores e perdedores, mas a vida não é assim. Em algumas escolas você não repete mais de ano e tem quantas chances precisar até acertar. Isto não se parece com absolutamente nada na vida real. Se pisar na bola, está despedido... Rua! Faça certo da primeira vez!
9. A vida não é dividida em semestres. Você não terá sempre os verões livres e é pouco provável que outros empregados o ajudem a cumprir suas tarefas no fim do período.
10. Televisão não é vida real. Na real, a pessoa deixa o barzinho a boate e vai trabalhar.
11. Seja legal com os CDFs (os estudantes que os demais julgam ser babacas). Existe grande probabilidade de você vir a trabalhar para um deles.

Você até pode rir, mas a real é que o texto do Bill Gates é bem elaborado, as palavras são bonitinhas mas a filosofia nele embutida – com um ou outro reparo – moveu os colonos europeus que foram jogados nas pirambeiras inóspita e acabaram por ajudar fazer o que há de melhor no Rio Grande do Sul. Pois é, a receita para o terceiro milênio é mais antiga do que nós, mas creio que não faz mal o jovem saber disso!



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

A humilhação de perder 50 reais!

O Novo (mais antigo impossível!) Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2ª edição, revista e ampliada) abriga impotente e desamparado entre as suas milhares de palavras que ajudam a amansar burros. Transcrevo: impotente, [Do lat. impotente] Adj. 2 g. 1. Que não pode; fraco, débil. 2. Que tem impotência(2). S. m. 3. indivíduo impotente. Transcrevo: desamparado [De des- + mais amparo] Adj. 1. Deixado ao desamparo; abandonado. 2. Solitário, ermo.

Apelei ao dicionário na esperança de ser mais objetivo ao narrar como me senti quando uma nota de cinquenta reais que me pertencia simplesmente esfumou, sumiu, me abandonou ao passar de um banco para outro sem que pudesse fazer algo para evitar. Nessa hora tive a exata noção do que é se sentir impotente e abandonado.

Ainda agora, quando escrevo, fico me perguntando: será que alguém acreditará no que relato? Os dois funcionários dos dois bancos não acreditaram, por que outros acreditariam? Bem, como eu sei da verdade espero que ao contar essa sensação de impotência e desamparado suma de vez, até porque a agora a questão material fica em segundo plano, a oncinha se foi resta apenas bradar no deserto.

Vamos lá: vou a um banco, acima de qualquer suspeita, diga-se, e saco pequena quantia. O caixa conta, eu conto, e em quantidade as notas fecham. Pego o carro vou a outro banco e faço depósito de todas e somente (vamos repetir todas e somente) as notas recebidas minutos antes. Peguei o dinheiro num banco e deposei em outro. Tudo como manda o figurino.

Dia seguinte uma funcionária do segundo banco liga: entre as notas que deposei existia uma, da onça, falsa. Sim, uma das notas era falsa e ela iria adotar o procedimento padrão de enviá-la à Polícia Federal e eu assinei um papel como de praxe. O que dizer para a solícita funcionária? Disse a verdade. Será que acreditou? Olha, eu duvido muito. Por que razão ela acreditaria que um banco que confere tudo deixaria passar uma nota falsa de cinquenta e entrega-la a um cliente?

Na impossibilidade de choro e de vela, me armei da cara de pau necessária numa situação esdrúxula como essa e fui ao banco de onde sacara o dinheiro e falei com um dos gerentes. Conte o caso. Será que acreditou? Sai convencido que não, afinal, que razão teria ele em depositar credibilidade num cara que diz ter recebido um nota falsa de cinquenta reais de sua agência?

Pois é, como fica? Nem ao Bispo haveria como apelar em tal circunstância.

Quando a irritação passou, tempos depois, pela forma humilhante de ter perdido 50 reais, comecei a racionar sobre incontáveis situações em que o ser humano é posto na sociedade e nela se sente como que sendo um zero à esquerda. E o que sobrou foi uma pequena compreensão sobre o que Eugène Ionesco pretendia com seu teatro do absurdo, ou teatro insólito como ele preferia e o que Franz Kafka quer dizer quando fala dessas coisas que nos dominam sem que delas possamos escapar – ambos discutíamos nos idos de 1960 nos diretórios acadêmicos embora pouco entendêssemos tal a profundidade dos escritos. Nas mãos de qualquer um deles a história da evaporação dos meus 50 reais poderia virar um conto.



Ivaldino Tasca
 itasca@uol.com.br

Sobre castrações!

Quando o Sultão, cão policial comedor de polenta e osso sumiu chorei. Adultos estranharam a tristeza (a mãe foi solidária), afinal era só um bicho. Onde nasci – tirante gato, cachorro, cavalo e feras – bicho era para comer, sem força de expressão e isso levou a certa frieza com eles. Frito, defumado, tostado, cozido, assado, bem ou mal passado, seco ao sol, ensopado, com pão, arroz, feijão ou massa, enfiado numa tripa, o jeito mão importava. Lembro que só crianças choravam os bichos e, mais tarde, muitos não confirmariam Benjamin Franklin: "o menino que sofre e se indigna diante dos maus tratos infligidos aos animais, será bom e generoso com os homens".

Era cultura pragmática: tudo que, dotado de penas, tivesse parentesco com peru, galinha, pato, faisão, perdiz, perdigão e voasse levava bodocaço ou chumbo e parava na panela. Idêntico destino tinham tatu, quati (cotia, não lembro), rã, lebre, lebrão, tateto, javali, veado, peixe, porco, vaca, coelho, porco do mato, ovelha, cobra, ratão do banhado e outros que não recordo. Um dia perguntei ao primo Claudino: a gente come jacaré? Se tiver por perto, disse. E corvo?, indaguei. Isso já é exagero, respondeu.

A dureza da vida cotidiana na roça mostrou cedo qual nossa posição na cadeia alimentar: o maior (ou mais forte?) engole o menor (ou mais fraco?). Comer ou morrer, eis a questão! Claríssimo para todos que enfrentavam a muque a natureza impiedosa que, numa bobeira, qualquer, os engoliria. O que desejo dizer com isso? Simples: bicho sempre fez parte da minha vida, dentro ou fora da panela.

Sobre o Sultão, às vezes precisava a mãe lembrar (mãe raramente esquece algo): "já deu comida para o cachorro hoje?" Quando esquecia abria a janela e berrava: Sultão, e de lá jogava nacos de polenta que ele não deixava cair no pó, engolia fácil. Claro, na época cachorro não entrava em casa! Lugar de bicho é lá fora, dizia a mãe, a avó, o pai, o avô, os tios, a vizinha. Apesar de senões creio que cuidei bem do Sultão, mas tive desavenças com gatos, com o que, talvez, não me incluam na visão de Immanuel Kant: "Podemos julgar o coração de um homem pela forma como ele trata os animais".

No terceiro milênio estamos mudando a forma de encarar os bichos não porque evoluímos, mas por tirar do baú ensinamentos aos quais as gerações passadas deram pouca importância. Como, por exemplo, os de Anatole France: "Antes de ter amado um animal, parte da nossa alma permanece desacordada". Ou de Alexander Solzhenitsyn: "Hoje em dia não pensamos no amor de um homem por um animal; rimos de pessoas que são apegadas a gatos. Mas se pararmos de amar aos animais, não estaremos na iminência de pararmos de amar os humanos, também?" Ou, ainda, a expressão aguda de Mahatma Gandhi: "A grandeza de uma nação pode ser julgada pelo modo que seus animais são tratados". Charles Darwin foi alvo: "Não há diferença fundamental entre o Homem e os animais nas suas faculdades mentais (...). Os animais, como o Homem, demonstram sentir prazer, dor, felicidade e sofrimento".

Bem, toda a conversa é para indagar se o terceiro milênio ainda não se posta de forma contraditória sobre os bichos. De um lado nos conscientiza sobre uma relação que deve transcender a panela e, de outro, estimula a castração em massa, especialmente de gatos e cachorros, para estabelecer a convivência com eles na área urbana e, mais do que isso, a vida do bicho dentro de casa. Sabemos o que é castrar? Com a castração o gato não deixa de ser gato, o cachorro não deixa de ser cachorro? A castração não seria a instituição do "não-bicho". Se Darwin estiver certo a castração não significa dar fim lacônico ao bicho e coloca-lo num processo infundável de tortura?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Kirchner, Hitler & Golbery: esquerda, direita e a pasteurização

Durante a ditadura militar chamávamos, à boca pequena, o general Golbery do Couto e Silva, o gaúcho que foi ministro da Casa Civil dos presidentes-generais Ernesto Geisel e João Figueiredo de "satânico Doutor Gô" (para os jovens: alusão ao Satânico Doutor Nô, num filme da série 007). Era conhecido como "O Bruxo" por ser dotado de cérebro privilegiado. Foi articulador da abertura política, apostou no multipartidarismo para esvaziar o MDB, tirou a sigla PTB do Brizola, estimulou o PT e certa vez usou a ferradura para exemplificar como "esquerda" e "direita" se encontrariam nos extremos.

Repudiamos o exemplo, coisa satânica, que nos jogava na vala comum. Hoje, 40 anos depois, tiro o chapéu para "O Bruxo" ao ver a presidente Cristina Kirchner criar a Secretaria de Coordenação Estratégica para o Pensamento Nacional para que seu povo construa a verdadeira "percepção do ser argentino". Pode? A Argentina seguirá Joseph Goebbels (o cérebro do nazismo) para pasteurizar a forma de pensar do povo?

Ao ver os princípios da propaganda de Goebbels no nazismo e os confrontamos com o que ocorreu nos países socialistas/comunistas (Rússia, Albânia, China) e com o que acontece na Coreia, Cuba, Venezuela, Argentina e no discurso de parte da esquerda brasileira, ficamos perplexos com a sintonia entre os regimes ditos de "esquerda" e de "direita" na "comunicação" com seus súditos (ou seriam escravos?)

A sustentação efetiva das ditaduras – não importa o perfil, basta olhar até para os aiatolás – só é viável com pasteurização do pensamento coletivo. Regimes de força não suportam a diversidade de ideias por isso controlam os meios de comunicação. Todos os governos tiranos de "esquerda" ou "direita" montam fantásticas máquinas de propaganda para massificar suas verdades após extinguirem a liberdade de expressão.

Para dar ideia da semelhança macabra nos processos de comunicação entre "esquerda" e "direita" – "O Bruxo" deve estar rindo – transcrevo, sem comentar, alguns princípios que nortearam a propaganda nazista. Leiam tendo em mente os países citados e os que, governo federal são contra as CPIs, por exemplo. Vamos lá: 1) Princípio de simplificação e do inimigo único. Adotar uma única ideia; único símbolo; individualizar o adversário em um único inimigo. 2) Princípio do método de contágio: Reunir os adversários numa só categoria ou indivíduo. Os adversários têm de constituir-se em suma individualizada. 3) Princípio da transposição. Atribuir ao adversário os próprios erros ou defeitos, responder o ataque com ataque: Se não podes negar as más notícias, inventa outras que as distraiam. 5) Princípio da vulgarização: Toda propaganda deve ser popular. Quanto maior a massa a convencer menor há de ser o esforço mental a fazer. A capacidade de entendimento da massa é limitada e sua compreensão rara; além do mais tem grande facilidade para esquecer. 6) Princípio de orquestração: A propaganda deve limitar-se a pequeno número de ideias e repeti-las incansavelmente de diferentes perspectivas e sempre convergindo ao mesmo conceito. (Aqui nasce a famosa frase: Se a mentira se repete suficientemente, acaba por converter-se em verdade. 10) Princípio da transfusão: Por regra, a propaganda opera a partir de um substrato preexistente, seja mitologia nacional ou um complexo de ódios e prejuízos tradicionais. 11) Princípio da unanimidade: Convencer muita gente que se pensa "como todo o mundo", criando impressão de unanimidade.

Invista um tempinho refletindo o que ocorre hoje na Argentina, Venezuela, Cuba e entre nós aqui no Brasil e depois digam se "O Bruxo" não foi pitonisa....



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

A Pátria calçou as chuteiras?

Não sei se você que eventualmente está lendo este texto pensa diferente, mas eu não consigo desejar que a nossa seleção faça fiasco dentro das quatro linhas, que saia derrotada de campo. Nunca consegui. Pode ser babaquice minha (talvez minha natureza de classe média, sei lá!), eu fico em frente da televisão torcendo por goleadas, nem que seja dessas de um a zero. Não consegui torcer contra a seleção brasileira nem durante a ditadura militar quando éramos só setenta milhões em ação, por que torceria agora?

Na Copa de 1970, patrocinada por uma ditadura militar, fomos às vilas, saída de escolas, saídas de fábricas, paradas de ônibus – correndo risco de prisão – distribuindo panfletos impressos em mimeógrafos a álcool para “conscientizar” as pessoas de que o futebol era uma espécie de ópio do povo; dizíamos que o General Emilio Garrastazu Médici estava usando o futebol para se fortalecer no poder. Tínhamos convicção de que os militares manipulavam o mundo subjetivo das pessoas com a Copa, do mesmo modo que fazem (e esperam) todos os governos quando se enfiam num evento dessa natureza.

Já escrevi que mitos, símbolos, subjetividades, autoestima, espiritualidade são elementos que integram a vida das pessoas como o arroz, o feijão, o travesseiro, a casa, o sexo, o emprego, e outros quesitos desse gênero mais próximo da vil materialidade; uma Copa do Mundo se insere na perspectiva em que a alma da população entra em pauta e quando existem carências evidentes no país é natural que muitos outros possam ser contra tal iniciativa. Essa questão é tão complexa que nós que arriscávamos a vida condenando a ditadura e a Copa de 1907 dávamos um jeito, clandestinamente m relação aos demais companheiros, de ficar na frente da TV na hora do jogo do Brasil. Contrariando o espírito revolucionário que nos movia e sem que alguém planejasse, nossa organização parava nas horas dos jogos do Brasil (e isso foi de norte a sul do país, conforme depoimentos que ouvi há quinze dias em Porto Alegre).

Não sei se você que eventualmente está lendo este texto pensa diferente, mas eu não creio que alguém que torça contra a seleção por achar que ela se tornou instrumento de propaganda do governo de plantão possa ser menos patriota do que sou. Cá entre nós, manifestar descontentamento com os gastos da copa apontando que teríamos outras prioridades é legítimo, o cidadão tem o direito de achar que educação, saúde, estradas, portos, segurança são questões mais relevantes do que patrocinar uma copa. Até por que gastar 30 bilhões de dinheiro dos nossos impostos é algo inexplicável.

Não sei se você que eventualmente está lendo este texto pensa diferente, mas eu não creio que torcer com ardor pela conquista do hexacampeonato mundial significa ser a favor e apoiar tudo o que o governo de plantão está fazendo. O governo, neste caso eleito democraticamente, achou que patrocinar um evento (a Copa da FIFA) que vai mexer com minha alma era coisa boa, o que posso fazer?

Não sei se você que eventualmente está lendo este texto pensa diferente, mas eu não consigo encontrar uma explicação plausível para ausência do ex-presidente Luiz Ignácio Lula da Silva das arquibancadas nos dias de jogo do Brasil. No meu entendimento quem mais está deixando de prestigiar o evento é o Lula. Quer dizer, na hora que a Pátria calça as chuteiras ele se mixa? É dose pra tiranossauro!



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Copa: o tratamento dos céus numa hora dessas

Qual o objetivo da oração? Indago a propósito da enorme quantia de brasileiros rezando pelo sucesso da seleção! Ao meu redor, na infância, as pessoas oravam muito. A todo instante e por infinitos motivos. Nessa fase da vida é comum seguir o que os demais fazem, principalmente quando à frente está a vovó que a gente ama e respeita ou mãe que merece toda a obediência.

Não me lembro de ter feito a pergunta quando menino. Simplesmente seguia o ritual não apenas quando em celebrações dentro dos templos, creio até que o volume maior de orações se registrava dentro de casa, onde a vida acontecia com intensidade em momentos cruciais: antes de dormir, ao levantar, antes das refeições, quando alguém adoecia, na chegada de notícia ruim, na morte de parente ou amigo, nos raios e trovões e, indefectivamente, na proximidade dos exames no colégio e quando os pecados por pensamento, palavras e obras pesavam nos ombros.

Com o tempo o menino ouve o padre dar ênfase sobre a importância da oração, citando infindáveis passagens da Bíblia e a gente segue orando: "Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai de vocês, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem! Mateus 7:11"; "Peçam, e será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta será aberta. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e àquele que bate, a porta será aberta. Mateus 7:7-8"; "E o Senhor ouviu a oração de Ezequias e não castigou o povo. 2 Crônicas 30:20"; "Os sacerdotes e os levitas levantaram-se para abençoar o povo, e Deus os ouviu; a oração deles chegou aos céus, sua santa habitação. 2 Crônicas 30:27"; "E tudo o que pedirem em oração, se creem, vocês receberão. Mateus 21:22"

Mais tempo passa e a oração ganha "aggiornamento" (termo italiano que o Papa João XXIII popularizou no desejo de que a Igreja Católica saísse atualizada do Concílio Vaticano II realizado nos anos de 1960) e reza-se com maior informalidade. Foi ponto de virada agir e entre os jovens ocorreu entusiasmo renovado no comprometimento com os problemas sociais e desde então não parou de produzir mudanças.

Mais tempo passa e incontáveis psicólogos destacam que a prática regular da oração pode afetar de maneira positiva a vida das pessoas em aspectos como superação de tragédias e problemas pessoais, no enfrentamento do stress, ansiedade e depressão, e também como fator de aumento da qualidade de vida como um todo.

No dia a dia há pessoas com diferentes posturas frente à oração. "Parei de pedir, agora em minhas orações só faço agradecimentos a Deus", disse uma amiga. Não raros fazem coro com ela, mas ao meu redor muitos continuam orando diante das dificuldades e das dúvidas antigas que os extraordinários avanços tecnológicos não conseguiram extirpar da mente dos humanos.

Outro dia me deparei com um modo peculiar de um cidadão rezar e que pode ser postura para consertar o mundo. "Ao levantar – disse ele – reze senhor meu Deus, trate-me hoje da mesma maneira como eu tratei meus semelhantes no dia de ontem".

Voltando aos milhares que rezam para o Brasil ganhar a Copa do Mundo, será que Deus interfere numa hora dessas? Em caso positivo temo que nossas rezas pouco vão influenciar o Todo Poderoso se o Papa Francisco for bairrista...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Os ensinamentos não envelhecem

Um inconveniente da juventude, em regra, é o pedantismo. Fazer o quê? Se paga um preço sempre, maior ou menor, mais tarde. Há uma fase da vida em que sabemos tudo e quem nos atura? Um professor do curso de filosofia, nos anos de 1960, nos passou extensa bibliografia onde estavam, entre outros, o holandês Erasmo de Roterdã (nascido em 1466). Teólogo e humanista foi polêmico e a gente não soube aproveitar a chance que nos foi dada naquele momento para aprofundar seu pensamento. Mas tudo bem, aprendi pouco e lembro pouco, mas nunca é tarde para remediar.

Do seu livro *Elogio da Loucura*, onde estraçalha a visão de mundo de então, dá espaço especial aos loucos, aos velhos, às crianças, aos bêbados e questiona o que seria "normal" recorde de observação intrigante: "O sábio se refugia nos livros antigos e neles só aprende frias abstrações. O louco, ao enfrentar a realidade e os perigos, adquire a meu ver, o bom senso". Em outra – o professor de arte levou horas para explicar – ele referiu a existência de um lugar tão belo que a natureza não tinha necessidade da arte.

Mas incrível, na releitura de algumas passagens na obra de Erasmo, é sua ácida atualidade, quinhentos anos depois, quando se trata do mundo da política. A observação "toda tolice, por mais grosseira que seja, sempre encontra sequazes", vem à tona porque parcela expressiva da minha geração – assim como parece acontecer hoje – não teve clareza suficiente para separar gato de lebre. A facilidade com que engolimos pílulas que surgem no caminho reforça outra frase do teólogo cuja seleção pode chegar ao título mundial de futebol: "uma boa parte de um discurso consiste em saber como mentir".

Imagino o teólogo holandês num palanque eleitoral discursando, com veemência para a massa: "Os males que não são percebidos são os mais perigosos" (Hitler iniciou na moita). E, seguindo em frente nesse caminho, sob aplausos fortes, dizer: "Os maiores males infiltram-se na vida dos homens sob a ilusória aparência do bem". Ai ficamos girando a cabeça e olhando para os messiânicos governos populistas e nos perguntamos: por que não o lemos mais com atenção antes?

A percepção da realidade europeia dos idos de 1500 fez Erasmo de Roterdã afirmar que "um homicídio faz um celerado, milhares de homicídios fazem um herói." Pois é, trata-se de outra lição que nos chegou com atraso. No final dos anos de 1960, já sabíamos aqui no Brasil, denunciados por Nikita Krushev, sobre os crimes hediondos cometidos por Josef Stálin e Vladimir Lenin e nós, imberbes influenciados por frívolos intelectuais franceses, justificávamos as milhões de mortes em nome de algo maior. Afinal, o que pode ser maior do que a vida?

Com isso, não conseguíamos fugir de outra dura sentença de Erasmo: "aquele que permite a opressão com partilha do crime". Sim, sim, os crimes no Camboja, na Rússia, na China, Albânia, Alemanha Oriental, Coreia Norte, eram justificados em nome de algo maior e melhor a ser construído. Sim, sim, ainda hoje há mentes que se dizem sagazes aplaudindo os crimes cometidos e que ainda se cometem em Cuba.

O que Erasmo escreveria hoje?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Bicho de 7 cabeças!

Uma semana depois o fenomenal totó de bola que a Alemanha aplicou no Brasil se transformou num bicho de 7 cabeças: algo inexplicável. E algo feio, mas feio uma barbaridade, muito mais feio do que a mula sem cabeça correndo na escuridão do pampa com velas do Negrinho do Pastoreio acesas nas ventas.

Uma semana depois já passava do milhar os motivos contabilizados para os acontecimentos que fizeram do Mineirão o palco do maior fiasco do futebol brasileiro; e os discursos acacianos ainda sucedem para descobrir onde está nosso calcanhar de Aquiles.

Nessa arenga caquética – onde essa epidemia de lavar das mãos tomou conta dos altos escalões nacionais ainda terá efeito colateral benéfico, pois vai nos livrar de muitos outros males – há quem diga, que, também levados pela pressa em usar a torneira, que estamos tomando a nuvem por Juno. Nada a estranhar, então, nesse contexto construído por profecias de Cassandra, que o leito de Procusto seja nosso destino.

Uma semana depois fica claro que o torcedor fanático precisa de bode expiatório para se acalmar, mesmo que não tenha consciência de que isso é trabalho para Sísifo.

Quem pariu Mateus que o embale, chegou a gritar um dos mais exaltados. Está certo, está certo, mas final quem foi que pariu Mateus deseja saber a turba malta. Até aí morreu Neves, berrou outro exaltado, isso tá certo, parece uma solução boa, mas alguém sabe onde se encontra agora quem pariu Mateus.

Para aqueles tidos como os mais serenos e sábios, porém, entramos em terreno pantanoso e passamos a discutir o sexo dos anjos, pois querer entender pelo racional o que aconteceu no Mineirão e se repetiu dias depois no Mané Garrincha, é ousar ir além das sandálias. É duro, pode ser antidemocrático, mas assim é na vida real por debaixo dos paus.

Nesse novo Mineirão houve interferência de energia excessivamente poderosa para os humanos, algo que vem do além, coisa advinda não se sabe claramente de onde, seria uma espécie de obra de Santa Engrácia. Rivalidades à parte, como estamos cheios de engenheiros de obra pronta, há pessoas – será que fazem parte da elite branca? – afirmando que se os baianos tivessem sido consultados o desastre dos SETE não teria acontecido, até porque SETE é conta de mentiroso.

Outros, pragmáticos e afeitos às questões das quatro linhas, apontam como única culpada a Confederação Brasileira de Futebol. Os mais modernos nessa crítica dizem que a CBF tem métodos de gestão do tempo de Don João Charuto, os mais irados que ela se tornou uma cova dos leões e, os mais ácidos, a definem como casa da Mãe Joana.

O real mesmo, ali, na batata, é que precisaremos muito mais do que paciência de Jó para entender porque ocorreu aquela profunda demonstração de amor platônico dos nossos jovens e vigorosos jogadores com a bola num dia quase santificado. Os meninos brasileiros ficaram olhando embevecidos os brutamontes bebedores de cerveja afagar a bola como se tivessem no pátio da nossa casa e quando se deram conta...

Sim, pelo jeito, teremos que ir até onde Judas perdeu as botas para saber dos reais motivos de tudo! PS.: Como nada existe de tão ruim que não possa piorar acabou vindo uma pequena avalanche holandesa para cutucar nossas feridas.

* Da Academia Passo-fundense de Letras



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Roubando as migalhas!

Notícia inimaginável: a Cruz Vermelha Brasileira desviou doações arrecadas em nosso território que deveriam socorrer vítimas do conflito na Somália, que amenizariam o desespero dos que sofreram o impacto do tsunami no Japão e ajudariam os atingidos pelas enchentes na região serrana do Estado do Rio de Janeiro.

Cruzes, já estamos roubando migalhas! Como definir esse ato da direção da Cruz Vermelha Brasileira de desviar dinheiro arrecadado em campanhas humanitárias? Macabro? Sinistro? Amedrontador? Não é tão simples responder.

O que pensar de quem explora e conspurca a boa fé, o ato solidário da pessoa que se comove diante da tragédia do seu semelhante? O que dizer de quem humilha a esperança dessa pessoa? Como qualificar quem compra champagne – no caso a direção da Cruz Vermelha Brasileira – com o dinheiro que compararia o cobertor ou o pão para o desesperado?

Quando, aqui no Brasil, mandamos para as cucuias o período ditatorial nosso imaginário passou a operar novos parâmetros, sinalizando a possibilidade de erguer realidade completamente diferente logo ali adiante. Tínhamos um novo sonho! Olhávamos para o futuro beirando a jactância ao crer na hipótese de nova utopia, claro, com coisas simples como justiça social, ética, solidariedade, liberdade ampla e, como algo forte naquela circunstância histórica, sem corrupção.

As trancos temos avançado. Poderíamos andar mais rapidamente? A real é que andamos a passos de tartaruga ao ponto de transmitir aos que desanimam a falsa ideia (felizmente ainda para a minoria) de que na ditadura era melhor. O que tem incomodado bastante, nos últimos anos, é a enxurrada de notícias sobre a corrupção que alcançou em cheio a esfera política e sobre desmandos que se alojaram nas estruturas dos governos nos municípios, nos estados e na União. Como tais atos englobam representantes da quase totalidade das siglas partidárias existentes geramos o conceito de que a corrupção era algo inerente à nossa classe política. E, longe de posar de vestal, reconheçamos que está muito longe de ser assim. Tudo é muito mais amplo e profundo.

Eis o ponto crucial, nós brasileiros fomos (e estamos) levando uma vida de dupla face? Ou seja, contabilizamos e difundimos com prazer os fatos que envolvem políticos de todas as esferas e minimizamos os acontecimentos que nos levariam a entender a corrupção como fenômeno mais amplo, mais profundo, na sociedade brasileira?

No cotidiano tem sido fácil culpar a classe política por todas nossas mazelas mesmo sabendo que o número de homens públicos que são corretos é muito grande (assim como – ainda creio – a maioria da sociedade brasileira é constituída de gente decente). Acontece que quando chegamos ao patamar da corrupção abranger entidades como a Cruz Vermelha e ao ponto da fraude ameaçar o leite das crianças, é hora de acender todas as luzes de alerta. Nada de sólido e duradouro construímos na sociedade se a desconfiança permear nossas relações e estamos correndo esse risco por causa do atual grau de insanidade ética que nos atinge.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Tempo esquisito para negócios e...

Quando se diz esquisito para definir algo não conseguimos ser precisos, exatos, é difícil ir diretamente ao ponto central. Os diferentes dicionários têm uma enxurrada de definições. Vai do não usual, do fora do comum, do raro, do excêntrico, do estrambótico e passa pelo bisonho, pelo rabugento, pelo impertinente e chega ao adoentado, ao feio, ao lugar ermo, ao deserto, ao impertinente. Por isso, talvez, estejamos num tempo tão esquisito, pois no fundo, no fundo fica muito difícil de defini-lo, de entendê-lo.

Por outro lado, se levarmos em consideração essa enxurrada de sinônimos em conjunto é possível, talvez, chegar perto do que efetivamente esquisito quer dizer e, a partir disso, clarear como é este tempo que estamos vivendo. Talvez não, e daí? Bem, daí podemos apelar para um tempo rabugento, tempo estrambótico, tempo bisonho e assim por diante. Cada um é livre para fazer sua escolha.

Exemplo de coisa esquisita? Vejam, aprendi com os da roça – vocês sabem lá na colônia não havia outras possibilidades – que o mérito tem grande valor em si. Que quanto mais colocarmos em pauta a meritocracia mais justa, mais prospera pode ser a sociedade onde devemos viver. Isso está em pauta entre nós? No Brasil há campanha forte, densa, profunda, contra a meritocracia sem que calculemos qual o preço a pagar por isso no amanhã. Que que é isso companheiro? Está me estranhando?

Outra coisa, o que fazer com as pessoas talentosas? Precisamos pensar nisso, hoje as pessoas talentosas se tornaram problema sério, não há mais como suportá-las.

A droga é o seguinte: adoro alface, ainda mais com sal, azeite de oliva de baixa acidez e vinagre de vinho tinto. E quem está disposto a plantar alface para abastecer minha necessidade? Quem vai plantar, cuidar as pragas, colher, lavar e colocar alface no meu prato de graça. Ninguém faz isso hoje em dia, o cara que planta alface já vai pra horta pensando no meu dinheiro. É assim com o cara que planta moranguinho, batata, cebola, faz sapato. Onde estamos, ninguém quer trabalhar de graça hoje em dia?

Outro exemplo? Não vamos longe e podemos até apalpar a sensação vigorante no Brasil de que levantar cedo, arregaçar as mangas, ter disciplina, criatividade, ousadia, iniciativa, disposição para enfrentar riscos é pecaminoso, condenável, execrável se o indivíduo conseguir ganhar muito dinheiro por causa disso. Estamos na fase em que ser empresário de sucesso, por exemplo, não é politicamente correto.

Talvez seja hora de perguntar: afinal, quem é esse tal de empresário?

Na minha mente vem o exemplo do cidadão que arrumou uma grana emprestada e investiu enquanto seus colegas iam à reunião dançante, ao cinema, tomar cerveja, jogar bola ele trabalhava como um mouro. Acompanhei a trajetória do vivente. Ele foi fundo (essa é uma regra universal que ainda se aplica hoje em dia, quem tem empresa trabalha mais do que a maioria) abriu um negócio, não teve hora nem dia para trabalhar, empregou um montão de gente, sempre pagou em dias seus funcionários, a luz, a água e os impostos. Ele nunca deixou de estudar, de se atualizar, no início não tirava férias, o sábado também era sagrado para o trabalho, no domingo a tarde conferir o que deveria fazer segunda e o negócio ficou grandão, bem grandão, dando-lhe um ótimo retorno.

Pois é, recentemente o encontrei triste, porque alguns amigos o chamaram de explorador. Perguntei: quem? Logo identifiquei que um grande festeiro e outro que fez fortuna só atuando na política e...

Foi aí que me dei conta que estamos vivendo um Brasil muito esquisito, para meu gosto exageradamente esquisito...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

O idealismo & a idiotice

Outro dia, com um dos meus médicos – nestes tempos de intensa especialização não sobrevivemos apenas com um tipo de profissional –, comentamos como é estranho o papo de definir a velhice como a melhor idade como alguns insistem. Óbvio, nem tudo é desvantagem quando a carga do tempo faz curvar a coluna, mas daí falar em melhor idade há uma distância singular.

Quando se chega a essa que denominamos terceira idade algumas vantagens são possíveis, claro, dentre elas a possibilidade de tentar (repito, tentar) aprender a separar o que é idealismo do que é idiotice. Estou a caminho nesse sentido. Não sei onde vou parar, nem sei ainda se isso é possível, mas sigo tentando compreender o que separa um do outro, pois quando os dois se juntam melhor estar longe.

Minha geração entrou na adolescência num momento de intensa efervescência mundial. Não tem coisa mais perigosa do que idealismo exacerbado num ambiente onde a fermentação diz que um mundo velho precisa explodir para nascer, enfim, o novo mundo desde que a gente se jogue de cabeça. Entramos nos anos de 1960 decretando a falência do capitalismo liderado pelos Estados Unidos e pela Europa cambaleante (ainda não olhávamos o Japão) e assumimos a proposta liderada pela Rússia de 1917, China de 1949, outras explosões aqui e ali e, para orgasmo generalizado, da Cuba de 1959.

Nosso idealismo imberbe e inconsequente nos fez dócil massa de manobra a interesses que na prática produziam justamente o oposto do que imaginávamos (ainda hoje parece ser assim). Tudo porque concordamos em dividir o mundo entre os bons (nós, claro), e os maus (quem pensava diferente) sem levar em conta as consequências. Tudo porque acreditamos não ser necessário raciocinar, tudo porque fomos engolindo palavras de ordem e fomos rotulando a torto e a direito. Raros de nós suportariam viver no modelo de sociedade que queríamos construir, eis a mais gélida verdade. E, o mais trágico, o que restou de melhor depois de 60 anos foi justo o que mais condenávamos. E tudo porque fomos treinados para não raciocinar, fomos amestrados para engolir o que o idealismo idiota nos impingiu e o que pregava intelectuais inconsequentes.

Fomos empurrados a escolher entre um lado e outro, o que condena o Brasil a ter sempre esse papel de coadjuvante no complexo cenário internacional. Lembro como se fosse hoje: não há escapatória, ou você é de esquerda (o bom) ou de direita (o mau), tem que escolher. Não existe outra maneira de agir no mundo, proclamavam todos.

Pois bem, esse tipo de idealismo contaminado pela idiotice anencéfala dessa geração não produziu estragos mais tenebrosos porque alguém nos fez a gentileza de, na efervescência dos anos de 1960, aplicar um golpe militar no Brasil. Foi magnífico: alguém mata a incipiente democracia que vicejava no país e, como efeito colateral, dá sentido à opção de luta que havíamos estabelecido em busca de um mundo melhor. Claro com a esquizofrenia de aqui condenarmos a ditadura (de direita) e lá fora, apoiar as piores existentes (de esquerda).

Sim, a quebra da normalidade democrática salvou de trágico destino os idealistas dos anos 60 e uma pergunta fica: "o que será necessário para salvar os idealistas deste terceiro milênio que se comportam/pensam como a geração dos anos de 1960?" É incrível, até na academia parece que o tempo parou, ou seja, a conversa furada entre os bons (nós, os de esquerda) e os maus (os outros, de direita) prossegue idêntica. Qual a lógica para essa estagnação do pensamento entre os jovens sempre tidos como rebeldes?

* Membro da Academia Passo-fundense de Letras



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

O cara de esquerda, o coxinha e o Programa Bolsa Família

Vamos por partes, como diria prazeroso o esquartejador à sua vítima e tentar compreender se existe qualquer relação entre um camarada tido como de esquerda, um cara tido como coxinha – termo que voltou com intensidade avassaladora entre nós por ocasião da Copa do Mundo – e o Programa Bolsa Família do Governo Federal.

É espantoso como, de modo especial nas redes sociais, é grande a pauleira para cima dos tais de coxinhas, obviamente tido como cara de direita. Sim, é bom ressaltar que o coxinha, em regra, é de direita, se é que me entendem. Virá e mexe tem batalhão de gente tripudiando o coxinha, denegrindo o coxinha, desmoralizando o coxinha. Tem gente que se dedica a deslustrar o coxinha dia e noite, virou uma espécie de hobby.

Quando dizemos “um cara de esquerda” falamos de algo que possui muitos tipos (depois da ameoba quem mais se multiplica é a esquerda). Entre eles está o idealista, claro, geralmente o jovem que fica chocado quando toma tenência sobre a dura realidade que é arrancar o pão de cada dia com o suor do próprio rosto. Porém, em regra é o cara que ama a humanidade e odeia o indivíduo, é o cara que em suas experiências mundiais de governos não conseguiu criar fórmula capaz produzir riqueza para eliminar a pobreza que diz odiar, sendo o pior tipo aquele que adora ditaduras sanguinárias.

O coxinha é de variedade incrível. A definição acomoda dezenas de tamanhos e tipos. Alguns com quem conversei alegam que o apelido depreciativo parte do invejoso; isso não sei com certeza. Sei, porém, que entre os vilipendiados pela esquerda tem o boçal, tem o empoadado, tem o engomado, tem o filhinho de papai e tem o cara rico que fez muito dinheiro com o suor de seu próprio rosto, com seu talento peculiar, com seu trabalho estafante, sua garra impar, gerando empregos, renda e riqueza para seu país.

Espantosamente, entre os coxinhas existem alguns que se dizem de esquerda, que é justamente aquele tipo que pouco fez de útil para si e para a sociedade e só sabe viver com a grana que seu papai (em regra, um coxinha) produziu e deixou de herança.

Essa espécie desfruta do bom e do melhor aproveitando o suor dos antepassados, sempre demonstrando preocupação com o futuro da humanidade e, em regra, está entre os críticos mais ferozes daquele que pensa diferente.

Já o Bolsa Família é um oportuno programa de transferência direta de renda do Governo Federal que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza no país. É algo necessário para ajudar os pobres a saírem da situação depressiva, possibilitando que logo adiante consigam obter a emancipação. Também é um programa que se tornou a menina dos olhos da esquerda brasileira, latino-americana e mundial.

Com tais explicações chegamos ao ponto crucial, ou seja, na hora de perguntar: quem faz o dinheiro que sustenta o Bolsa Família? Tendo em conta que o dinheiro não cai do céu e governos não produzem riqueza é salutar saber quem, afinal, viabiliza o Bolsa Família. Os impostos gritarão todos! E quem recolhe impostos para os cofres que alimentarão as famílias em situação de vulnerabilidade social? É um tipo de coxinha normalmente conhecido como empreendedor. Grande empreendedor, porque pequeno recolher titica de imposto. Que droga, se o cara não monta uma baita empresa não tem grana para o Bolsa Família? Pois é, assim, o cara que se diz de esquerda que tripudia tais coxinhas, mas vibra com o Bolsa Família escarra em quem trabalha para manter essa sua vibração que, não raro, aplaca parte da culpa que sente por pouco fazer de útil... Coisas da vida!



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Sociedade de consumo, a Venezuela e o bicho...

Caso minha memória tenha captado direito o que disse o professor de religião do antigo científico no Colégio Conceição, "dilema é uma situação difícil, na qual é preciso escolher entre duas alternativas contraditórias ou antagônicas ou insatisfatórias". É algo parecido com o que diz a canção do Nei Matogrosso: "se ficar o bicho come, se correr o bicho pega." Se ainda estivesse entre nós Shakespeare talvez mudasse sua sentença interrogatória: consumir ou não consumir, eis a questão?

Lembrei-me dessa aula ao acompanhar um debate ácido contra a "sociedade de consumo, que nos arrasta para um mundo caótico", segundo um interlocutor que segue a lógica do engenheiro de obra pronta. Foi conversa boa embora, ao final, o dilema permanecesse ainda mais pungente. O Planeta entra em colapso se o padrão de consumo europeu (mesmo com a crise) fosse estendido a todos os cinco bilhões de terráqueos, disse o interlocutor, que colocou a questão na perspectiva ambiental. Não houve discordância consistente na plateia. Caso se apele ao padrão de consumo dos Estados Unidos precisaríamos três planetas para espichá-lo para todos.

Em aparte alguém bôtu lenha na fogueira ao lembrar com avalanche de dados e o mapa-múndi que em todos os locais do Planeta onde não há intenso consumo de bens a miséria é assustadora. Não houve qualquer discordância consistente. É intrigante detalhe: apenas os de barriga cheia, bem agasalhados, usufruindo dos bens gerados pela última tecnologia em todos os níveis tem vociferado contra a sociedade de consumo.

Pobreza e, vejam que dado interessante, opressão estão muito mais presentes em sociedades de consumo ralo, onde o abastecimento as necessidades básicas das pessoas é feito com enormes dificuldades. Exemplo mais próximo e atual é o da Venezuela, onde o socialismo/bolivariano (o que é isso?) da dobradinha Chávez-Maduro implantou o controle biométrico nos supermercados que sua política caolha esvaziou. No passado remoto o polegar foi instrumento de libertação do homem agora, num dos países mais ricos da América Latina, é usado para humilhar e submeter uma população inteira aos caprichos de governantes populistas que desestruturaram a logística de consumo.

Será que um dia entenderei porque as coisas que são simples na cabeça ficam extremamente complicadas na vida cotidiana? O ser humano começou a consumir com crescente intensidade ainda quando vivia nas cavernas (o domínio do fogo, a invenção da roda e outras ferramentas colocaram à disposição coisas inimagináveis) e desde então há relação direta entre consumo e desenvolvimento, consumo e dignidade, consumo e liberdade, consumo e democracia, consumo e segurança.

O debate em torno do consumismo tende a se aprofundar, quer pelo aumento da população, pelo desenvolvimento de outras regiões do Planeta – a África, por exemplo – ou pela rapidez com que bens e produtos se tornam obsoletos. E até porque, como disse o filósofo Jean Baudrillard: os objetos não possuem apenas valor de uso e valor de troca, mas também um valor de signo, determinante nas práticas de consumo. Ouso dizer que isso pode estar no DNA, pois porque motivos os indígenas de todas as eras usavam/usam todo tipo de enfeites na cabeça, braços, orelhas, nariz, umbigo...

Ah, sim, no Brasil há algo poderoso no debate consumir X não consumir: "os mais renomados e influentes artistas que berram contra o consumismo e ganham milhões de reais fazendo propaganda de tudo o que condenam como supérfluo."



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Os intelectuais e a espantosa veneração pelo despotismo

Sou de uma geração que foi estimulada (ou treinada?) a curvar-se e reverenciar os ditos intelectuais revolucionários, os de esquerda. Óbvio, pois os de direita eram comprometidos com a sociedade burguesa, capitalista, opressiva, desumana. Quem se debruça sobre o tema do intelectual, como Norberto Bobbio, por exemplo, tem diante de si algo complexo, eu abordo, porém, com a limitação da planície. Nós éramos os ignorantes que esperavam a luz através da sabedoria que viria desses seres iluminados. Alguém que praticamente competia com os deuses.

Diziam-nos que o intelectual era pessoa que usava o "intelecto" para estudar, refletir ou especular acerca de ideias complexas e, a partir disso, produzir ensinamentos de altíssima relevância social e coletiva de fácil compreensão pelo povo. No caso do intelectual revolucionário fazia isso mirando a plebe ignara. Por que ela? Simples, caberia à plebe ignara o papel de conduzir a revolução redentora do homem novo.

Bobbio, conterrâneo da Fábrica Italiana Automobilística de Turim diz que o termo intelectual costuma ser usado "quando se fala da incidência (ou falta dela) das ideias na conduta dos homens em sociedade, em especial dos governantes atuais e futuros. Mais particularmente quando se fala de um sujeito específico, ou para ser mais exato, de um conjunto de sujeitos específicos considerados como criadores, portadores e transmissores de ideias." Ou seja, seriam seres pensantes. E, por isso, especiais. Assim, só para ilustrar, Giovanni Agnelli, criador da FIAT e o neto Gianni que depois assumiu a empresa não podem ser considerados intelectuais. Capisci?

O homem que nasceu dez anos depois da FIAT cutuca a onça e diz que o termo intelectual é axiologicamente ambivalente, algo que ninguém ensinou aos da nossa geração. "Por trás da figura do intelectual guia sempre aparece a figura oposta, do tentador, do corruptor, do falso pedagogo, do falso profeta, do demagogo; por trás da figura do intelectual guardião dos valores eternos surge a figura contrária do inepto, do descarado, do decadente, se não até do parasita." Pode? Claro, somos do mesmo barro!

Como nada é sólido em pântano, George Sorel, contemporâneo da família que fez famoso o automóvel Peugeot põe lenha na fogueira: "eles (os intelectuais) não são, como se diz com frequência, os homens pensantes: são os que fazem do pensamento uma profissão e recebem um salário aristocrático em razão da nobreza dessa profissão." Pode? Claro, somos todos do mesmo barro. Pelo sim, pelo não, o estranho é a espantosa veneração religiosa que parcela expressiva dos chamados intelectuais de esquerda devota aos déspotas. Jamie Glazov, o americano cuja família fugiu da tirania de Leni/Stálin diz que isso se dá por absoluta alienação de tais intelectuais da sociedade em que vivem e por isso, defendem explodir tudo, fazer mudanças radicais – como fomos ensinados. Não sei de Glazov está correto, mas é bom apelar aos psiquiatras para entender porque a violência exerce fascínio em gente letrada, porque facínoras de esquerda como Stálin, Lênin, Mao, Ceausescu, Kim Il-Sung, Pol Pot, Hoxha são admirados? (Contraponto: por que facínoras tidos como de direita Hitler, Pinochet, Videla são vilipendiados?). Coisas da vida.

Pois é, com Joãozinho Trinta, um filósofo da vida carnavalesca, os brasileiros já haviam descoberto "que o povo gosta de luxo, quem gosta de miséria é intelectual" e que... deixa pra lá

* Membro da Academia Passo-fundense de Letras



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

A prenda & o peão surgem no estuário

A não aceitação (saudável na democracia) do movimento tradicionalista gaúcho como representante da nossa cultura caminha para se tornar fonte de ódio (condenável em qualquer circunstância) por parte de pensadores da região meridional. Como já disse, estamos criando nova tradição entre nós do Rio Grande do Sul: a cada setembro, quando nossos CTGs comemoram a revolução, farrapa parte de nossos intelectuais descem o sarrafo com maestria e sustância nos festejos.

Para fugir da polêmica, quando a conversa fica demasiadamente quente e a voz assume decibéis que ferem os ouvidos saio pela tangente, digo que me sinto mais sul-rio-grandense do que gaúcho. Tem sentido? Não sei, mas funciona, não poucos tem seguido a mesma tese. Isso não impede de achar que o movimento inventado em 1947 pela gurisada inquieta do Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, sob a liderança Paixão Cortes e Barbosa Lessa se tornou algo fabuloso que continua crescendo.

Eu quero ver por esse ângulo e, nesse sentido, lembrei-me de uma aula ainda no Colégio Conceição, quando me disseram algo mais ou menos assim: "o ser humano se diferencia dos outros animais por ser capaz de interferir conscientemente no mundo. Além disso, ao mesmo tempo em que preserva e deseja manter-se isolado e em sua individualidade, sente-se implido para o grupo". Há, obviamente, o grande grupo que é a sociedade humana, mas como ela é imensa o indivíduo termina por se agrupar com aqueles que vão demonstrando algum interesse comum: pesca futebol, dança, canastra, canto, religião, bicicleta, bocha, tênis e até para o crime, que a lista é imensa.

Depois veio em mente outra aula, explicando o que é um estuário. Queria tirar a prova dos nove, andavam com a sensação de que este canto austral do Brasil funcionava como estuário. Fui ao dicionário, eis que a memória gagueja, para verificar estuário: "Tipo de foz em que o curso de água (rio) se abre mais ou menos largamente".

Na mosca, nós do Rio Grande fomos (somos?) o estuário do rio caudaloso que para cá correu trazendo (depois do índio) os expelidos pelas contradições que cortaram os horizontes de milhares de homens e mulheres da Europa, da África e outras partes do mundo. Sem esperança onde se encontravam vieram em busca dela nestas plagas.

E para cá – navegando em águas turvas caudalosas que um dia deveriam serenar num estuário, é da natureza – vieram pantus (oriundos das regiões que agora são os países de Angola, Congo, Moçambique, Camarões, Tanzânia), portugueses, espanhóis, italianos, alemães, austríacos, turcos, libaneses e outros, que essa lista é longa.

Essa gente foi obrigada a deixar sua cultura para trás, ficou sem condições de seguir na plenitude suas tradições, cortou laços valiosos com seu patrimônio material e espiritual, perdeu referências importantes nas relações sociais – ou seja, em dado momento ficou espiritualmente sem eira nem beira. Essa gente, de repente, estava no mesmo estuário lambendo feridas, buscando algo novo, quando ficou forte a "necessidade de se sentir parte de algo maior, de alguma coisa que recompusesse ao menos em parte um outro todo." Nesse contexto os piás do Julinho vieram com a charla do tal MTG sem imaginar que fariam tamanha intervenção no processo histórico local.

Pois é, quando o peão e a prenda brotaram neste estuário o Rio Grande do Sul passou a ser outro, queiramos ou não e os especialistas diriam que tudo isso aconteceu por causa da dialética, ou seja, seria uma nova síntese... Vou eu lá ter certeza!

* Membro da Academia Passo-fundense de Letras



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Tempos das barganhas

É possível desenvolver "a arte do bem comum", ou seja, fazer política de modo adequado para beneficiar a população com 32 partidos políticos? Quando mais rápido a Nação responder a essa pergunta melhor será para a cidadania.

Nessa área nossa história é triste, pois nos últimos 70 anos o Brasil transitou do pluripartidarismo imberbe que desembocou numa ditadura de duas décadas para o bipartidarismo esquisito das sublegendas até chegar ao atual multipartidarismo que não para de se expandir e trazer incertezas quanto ao futuro.

O sistema partidário brasileiro virou uma balburdia, se tornou algo gelatinoso, tem se mostrado cada vez mais frágil e cada vez mais desacreditado por parte da sociedade por vários fatores, a começar pelo excesso de siglas que nos remetem a uma incongruente sopa de letrinhas. Outro dia uma roda de oito pessoas a mais informada, obviamente com passagem pela política, conseguiu lembrar-se de 22 siglas.

Essa sensação de caos que reina no panorama político nacional é explicada também pela falta de postura programática claramente definida pelos partidos, pela inexistência de uma ideologia que mostre para onde o cidadão será levado caso a sigla vença uma eleição. A isso se soma a existência de coligações oportunistas, visando tão somente interesses imediatos, um constante troca-troca de partido por parte dos políticos e um populismo típico que coloca o indivíduo como um santo milagreiro.

Assim, os partidos políticos que deveriam se constituir num meio eficaz para a estruturação da vontade da população, que teriam de ser canais de comunicação sólidos entre a sociedade e o governo, que são peças fundamentais para existência da democracia vão se tornando organismos que não merecem o respeito indispensável para cumprirem suas missões.

Nesse quadro, não é de estranhar que pouco antes do processo eleitoral esquentar alguns registros nos meios de comunicação social diziam que "a eleição estará nas mãos e no tempo de TV dos partidos nanicos". Quanta ironia! E, as mesmas fontes completavam: "chegou o momento dos pequenos partidos se sentirem grandes. A distribuição do tempo de rádio e televisão para partidos dão aos de aluguel ou nanicos, somados, quatro minutos de exposição." É, com todas as letras, sentenciavam: "Este é o momento de saber negociar".

Precisamos ser realista: na eleição do prefeito e vereador nos grandes municípios e nas eleições para governador e para presidente da República, a televisão e o rádio são vitais para as pretensões de qualquer candidato. Um tempo razoável em TV e rádio se torna, assim, essencial para viabilizar uma candidatura. Algo que nenhum partido consegue isoladamente, daí a busca frenética de parceiros.

É nesse contexto que o tempo de exposição das pequenas agremiações se torna valiosa moeda de troca para os candidatos dos partidos com alguma projeção. E falamos em moeda de troca porque o que entra em pauta nas negociações, em primeiro lugar são os cargos, são secretarias, assessorias, ministérios, direção de autarquias que deixam o patamar do razoável – alguém, necessariamente, vai ter que ocupá-los – por causa do excesso de siglas que acabam compondo as coligações.

No popular, o que deveria ser uma negociação para compor um governo, algo compreensível nas democracias, se torna, apenas, barganha, ação entre amigos...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

A utopia da morte tem movido os igualitaristas

Parece mentira, mas ainda em pleno terceiro milênio quando falamos em utopia nos referimos a algo que move multidões de pessoas, incontáveis delas dispostas a eliminar a humanidade da face da terra para impor seu sonho. A minha, a tua, a deles, ou a nossa utopia é algo que vai do bate-papo na mesa do bar à discussão de jovens idealistas em aula, adentra o sermão religioso, passa nos palanques das campanhas dos políticos bem intencionados, dos ingênuos e dos políticos malandros e, conforme mostra a história do século passado, em banho de sangue e milhares no pelotão de fuzilamento.

Eis a grande tragédia: em todo mundo, durante todo o século passado, nada fez jorrar tanto sangue de inocentes e pacíficos cidadãos, tantos assassinatos, mais horrores, mortes, tristezas, violência, crimes de toda a ordem do que a minha, a tua, a deles, a nossa utopia quando posta em prática por gente que desejou construir o homem novo a qualquer custo – algo que no fundo, tem tudo a ver com o lugar novo citado a seguir.

Vamos adiante! A palavra Utopia foi inventada pelo escritor londrino Thomas Morus e serviu de título para a principal obra escrita em latim por volta de 1516. O termo, criado a partir do grego "OU", que significa não mais "TOPOS", que nos remete a lugar, quer dizer "em lugar nenhum", refere-se a um lugar que não existe.

Estudiosos de Morus dizem que ele ficou fascinado pela narrativa do navegador italiano Américo Vesúcio sobre a então recém-avistada ilha de Fernando de Noronha, em 1503 e decidiu "escrever sobre um lugar novo e puro onde existiria a sociedade perfeita. No país imaginário o governo seria organizado do melhor modo possível proporcionando excelentes condições de vida para um povo equilibrado e feliz." Assim, "Utopia é a ideia de civilização ideal, fantástica, imaginária. É um sistema ou plano que parece irrealizável, é uma fantasia, um devaneio, uma ilusão, um sonho".

Aliás, ter um sonho é um dos pontos cardeais num mundo frio, duro, pragmático que nos obriga a uma luta diária incessante para a sobrevivência. Quem disse que a vida é fácil, que ganhar o pão com o suor do próprio rosto é moleza? Um mundo, ainda, de injustiças, desigualdades e problemas de toda ordem que infelicitam as pessoas. Ou seja, sonhar algo diferente é direito da pessoa. Cada ser humano tem todo o direito de ter sua utopia. Sim, tenho todo o direito de alimentar uma utopia desde que eu não queira empurrá-la goela abaixo no meu vizinho.

Outro ponto cardinal é que não podemos crer que maná cai do céu e que para superar as durezas da vida basta sair gritando fórmulas mágicas, utopias mirabolantes. Não temos o direito de esquecer: passa dos cem milhões o número pessoas (crianças, velhos, mulheres, brancos, amarelos, pretos, pardos) eliminadas nos diversos cantos do mundo por quem tentou impor a utopia do igualitarismo a qualquer custo.

Foram tantas atrocidades que hoje a desconfiança brota quando alguém acena com nova utopia (não apreendeu nada?). E, mais do que ontem, os que se dizem de "esquerda" são os que mais insistem na formulação de novas utopias. É fácil fazer isso, não exige esforço, não precisa leitura, não exige trabalho, basta dizer, preguiçosamente, que o mundo é injusto, que o capitalismo é selvagem, que os burgueses são insensíveis, que a direita é cruel e que construir a sociedade igualitária é somente uma questão de vontade política. E lá vai outro idiota, outro inocente útil (ou seria covarde?) a asfaltar a estrada dos paredões de fuzilamento padrão russo, norte-coreano, cambojano, cubano, chinês,

* Membro da Academia Passo-fundense de Letras



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

O petróleo é nosso, mas de quem é a Petrobrás?

Dezenas de manifestações convergem para uma sentença: a necessidade mundial de petróleo como fonte de energia, intensifica-se com a primeira guerra mundial, quando o carvão é substituído pelo petróleo nas esquadras e pela popularização do automóvel.

Entre nós brasileiros a história do "ouro negro" é belíssima. O petróleo está no centro da vida política e entre personagens salientes (além de Getúlio Vargas e a UNE, claro) encontra-se um dos maiores escritores brasileiros, Monteiro Lobato defensor do monopólio estatal. Entre suas sacadas célebres ("um país se faz com homens e livros") há uma manifestação emblemática sobre o tema:

O petróleo é o sangue da terra;

É a alma da indústria moderna;

É a eficiência do poder militar;

É a soberania; é a dominação.

Tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas.

Não tê-lo é ser escravo.

Ao rever a questão do petróleo que voltou à baila fazendo ferver a campanha presidencial, me dei conta que minha geração também é tisonada pelo "outro preto". Os subversivos, ou resistentes, ou combatentes, ou idealistas, ou revolucionários – o rótulo não importa – das lutas das ruas contra a ditadura atualizaram suas demandas, mas tinham entre suas bandeiras o petróleo e chegam ao PODER. Ah, nunca esquecerei, a UNE estava lá, aguerrida, firme, corajosa. Sim, a UNE estava lá.

Anotem: valeu a pena toda a resistência contra a opressão, a tortura, as mortes, o exílio, as perseguições, contra a barbárie, um novo Brasil começaria a ser construído! Fantástico, o cara da luta da rua chega ao poder, popularmente rotulado de "esquerda", com a maior missão da história do Brasil desde o descobrimento tendo o povo aquela sensação de alma lavada: levar ao centro decisório, ou seja, Brasília, a honestidade, a ética, a virtude, a eficiência, a decência, a liberdade, em síntese todos os princípios republicanos que garantem a instauração da civilização no lugar da barbárie.

Imaginávamos que assim seria, o Brasil deixaria de ser republiquetada de banana, deixaria de choramingar contra nações desenvolvidas, abandonaria o oportunismo do coitadismo que culpa os outros por nossas falhas, fraquezas e bobagens e, finalmente faria o dever de casa. Nós, da UNE, acreditávamos piamente nisso?

É fácil avaliar o que isso significava por quem esteve na luta contra o arbítrio!

É o tempo passa, o tempo voa e o cara de "esquerda" já está no poder há mais de vinte anos se somarmos os períodos de todos os combatentes das ruas que chegaram à presidência: Itamar, FHC, Lula e Dilma. Notaram: o cara de "esquerda", aquele das ruas, mandou a "direita" para o beleléu e, com o apoio do povo, vem governando Brasil há mais de vinte anos. Lindo! Lindo?

Pois é, no contexto em que a CORRUPÇÃO esmaga a esperança do novo Brasil e que parece não ter fim com o escândalo na Petrobrás (antes mensalão e privatária) é de perguntar: o que a esquerda que governa o Brasil há vinte anos fez com a honestidade, a ética, a virtude, a eficiência, a decência, a liberdade, em síntese todos os princípios republicanos que garantem a instauração da civilização no lugar da barbárie.

Ah, sim, o petróleo é nosso, mas de quem é a Petrobrás? O que ocorre nela e tudo mais não caracteriza traição aos que foram às ruas nos anos de chumbo? Outra coisa, onde está a UNE, o que foi feita da UNE? A UNE também "endireitou"?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

As grandes fortunas & os revolucionários

As grandes fortunas dos direitistas são antipáticas. As grandes fortunas dos caras de esquerda não devem ser comentadas. Nós revolucionários idealistas que proliferam nas democracias (por que revolucionário idealista não cresce nas ditaduras?) as grandes fortunas da direita geram urticária. Refrescando a memória "a urticária é caracterizada por vergões vermelhos e salientes na superfície da pele que geralmente provocam coceira." Ela normalmente é reação alérgica a alimentos ou medicamentos e, segundo descoberta mais recente da ciência, é provocada também pelas grandes fortunas da direita.

Por qual motivo abordar as grandes fortunas? Simples, no primeiro turno teve candidato a presidente que quase só falou delas (das de direita, claro!). Deu a entender que elas são a causa da pobreza e que da taxa pesada delas a salvação da lavoura. E, desde logo recorro a premissa fundamental: para ser de esquerda, revolucionário e ter postura "lúcida, válida e inserida no contexto" é preciso ser contra as grandes fortunas dos burgueses. Aqui no Brasil, antes de a ditadura esquentar o tema proporcionava discussões primorosas tomando caipirinha, samba ou cuba-libre nos botecos de antanho.

O tempo passa e a gente constata um fenômeno extraordinário, parece algo vindo de Marte: "quando o cara revolucionário chega ao poder a primeira coisa que faz é acumular bela fortuna ao mesmo tempo em que deixa o povão sob seu tacão e na pobreza. E, logo em seguida, faz documento para orientar seus seguidores a condenar a fortuna dos direitistas que moram em países democráticos onde desancá-los vira missão e divertimento".

Ali na Venezuela, temos exemplo cabal disso com o líder bolivariano, hoje quase transformado em Deus, chamado Hugo Chávez que, ao morrer, deixou fortuna estimada em dois bilhões de dólares. Nada mau para um militar de carreira! Encontramos outro exemplo na Argentina, onde na atual declaração de bens da presidente Cristina Kirchner e seus filhos dizem ter algo como 15 milhões de dólares. Quando chegou ao poder em 2003 o chefe Néstor Kirchner tinha fortuna declarada de 1,6 milhão.

Indo mais longe chegamos àquele que foi quase Deus (na realidade se postava como um) na Coreia do Norte, Kim Jong-Un, onde os números apresentam diferenças dependendo da fonte, mas a fortuna do camarada grande líder do povo norte-coreano é estimada entre 4 e 5 bilhões de dólares. Quem calcula a grana que o camarada Enver Hoxha acumulou na Albânia? Quem saberia quantificar o que a camarada Elena Ceausescu – nada menos do que a "Grande Combatente do Partido para o Destino Glorioso da Romênia" e nada mais do que "Mãe da Pátria" – e seu amado esposo, o camarada Nicolae reuniram em patrimônio à custa da fome do povo romeno?

Querem mais? Enquanto o salário do médico cubano mal chega a 30 dólares por mês nesses 54 anos de "revolução" o capitalista Fidel Castro acumulou fortuna de 550 milhões de dólares, segundo a revista Forbes. Mas há controvérsias, alguns garantem que ele tem patrimônio "socialista" que passa do bilhão de dólares.

Uma neta do lendário líder comunista Mao Tse-Tung está entre as 250 pessoas mais ricas da China. Com grana de 620 milhões de dólares, Kong Dongmei e seu marido, Chen Dongsheng, ocupam a 242ª posição na lista de milionários a revista chinesa New Fortune.

E entre nós? Como obter dados seguro sobre a evolução do patrimônio dos líderes das esquerdas? A julgar pelo mensalão, por tudo o que ocorre na Petrobrás e pela fedentina que vaza de outros redutos, a indiada guapa daqui nada deve aos revolucionários de fora. Enquanto isso, para posar de gente fina, botamos serragem no ventilador dos afortunados de direita... É de lascar. Que cada um tire suas conclusões, estou cansando da lengalenga!

* Membro da Academia Passo-fundense de Letras



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto Eleição não dá ressaca!

O tempo tem extraordinária capacidade de nos ensinar. É professor supimpa. Erra muito pouco e, quando tal ocorre, logo adiante oferece a chance de corrigir. Entretanto, sei lá porque cargas d'água tem o defeito de, às vezes, cobrar preço alto por determinadas lições. Entre seus incontáveis ensinamentos está aquele informando que eleição não dá ressaca.

Ensina também que eleição é um poderoso instrumento que dá a cada cidadão a possibilidade de escolher o melhor para seu município, para seu Estado e para seu país. E, para quem eventualmente é contemplado com a menor parte dos votos e nele fica a impressão de algum efeito colateral, a democracia – regime que sustenta o ato de votar – garante, logo adiante, a oportunidade de refazer tudo.

Sou da geração que ia às ruas, correndo o risco de levar cacetada ou de ir para a prisão, exigindo o direito de votar. Pode uma coisa dessas? É a pura verdade, o sonho que nos embalava era poder, um dia, ter o direito de escolher o presidente da República de forma direta, na base do voto e não da baioneta. E muitas pessoas, hoje em dia, nem acredita que tal aberração fazia parte de nossas vidas.

Entre 1964 e 2014 se passam 50 anos – um nada para história do Brasil –, as mudanças, entretanto, foram profundas na vida do país e dos brasileiros. Da escuridão que parecia não ter fim emergiu essa possibilidade de termos 11 candidatos disputando a presidência na década de 14. Foram onze candidatos apresentando propostas e foram 32 partidos políticos – sim, sim, alguns de aluguel, mas o que fazer? – percorrendo os campos e as cidades em busca daquilo que o tempo ensinou ser mais precioso do que o diamante: o voto.

Nem todos que lutaram pelo direito de votar estão vivos para comemorar este momento de glória, pois à vida de alguns ficou no caminho. Foi uma cobrança do tempo? Pode ser! A verdade, curta e grossa, é que sem resistência a eleição não seria parte da democracia que a cada passo mais amadurece. O que importa é que a eleição, atualmente, é algo corriqueiro, a gente escolhe o prefeito que deseja, o vereador que lhe agrada, o governador que mais confia, do deputado estadual da sua preferência, o presidente que acredita ser o mais preparado e o deputado federal e o senador que tem sua simpatia.

Cobranças do tempo à parte, alguns tem dificuldade de entender – é o meu caso – por que tanta gente deixa de escolher um candidato no dia da eleição. Dos 140 milhões de brasileiros aptos a votar mais de 30 milhões se abstiveram de se dirigir a uma urna. Nada contra esses mais de 30 milhões de cidadãos, cada um faz o que a cabeça manda, isso também é da democracia. Apenas desejo expressar minha ignorância com tal atitude, não entendo o que o move cada um. Sim, alguns, por um motivo ou outro, ficam impossibilitado de se deslocar para as urnas; mas trinta milhões?

Às vezes fico matutando: que juízo essa massa que foge das urnas como o diabo da cruz faz daqueles que arriscaram a pele pedindo eleição direta? Como dificilmente saberei digo apenas algo gíngelo: eleição não dá ressaca!

* Membro da Academia Passo-fundense de Letras



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

O Brasil das esquerdas

Outro dia, analisando os nomes de nossos líderes maiores que emergiram para o cenário nacional depois da ditadura, deu tristeza. Nenhum tipo Nelson Mandela no horizonte! Mais: apenas selecionando as manchetes dos principais jornais brasileiros e das principais revistas deu vontade de chorar diante das dimensões que a corrupção assumiu. Nessa área o ex-presidente Lula teria toda a razão em afirmar: realmente, nunca antes neste País se corrompeu tanto como agora. Até creio que nunca antes em todo o mundo.

Já estamos com escassez de adjetivos para escrever sobre a roubalheira. O que está ocorrendo na Petrobrás não tem precedente na história brasileira. O que fizeram no passado o PTB, o PSP, a Arena, o PFL, o Sarney, o Collor, é coisa de amador, de ladrão de galinheiro perto do esquema montado pelo Partido dos Trabalhadores na nossa maior empresa estatal.

Esse cidadão que não para de jogar serragem no ventilador, o senhor Paulo Roberto Costa, acabou admitindo algo jamais imaginado antes entre nós: disse que foi posto na Petrobrás para irrigar as campanhas políticas de partidos políticos como PT, PMDB e PP. Quem já viu algo parecido? Com o mesmo objetivo foi colocado em posto estratégico da Petrobrás, o senhor Renato Duque.

As dimensões da corrupção talvez jamais quantifiquemos. Prova disso é que o senhor Pedro Barusco, atuando apenas num escalão intermediário (ele nunca esteve no topo, lugar mais confortável para manipular grandes quantias) já se prontificou a devolver mais de 280 milhões de reais aos cofres da empresa. Os envolvidos falam em milhão de dólares como se estivesse tratando do preço da passagem do ônibus urbano.

Para onde caminhamos?

Quando se espera que alguma autoridade situacionista fale algo que nos devolva a esperança a decepção só aumenta. Discursando na tribuna do Senado Federal o líder do Partido dos Trabalhadores naquela casa, o senador pernambucano Humberto Costa consumiu a paciência da gente insistindo na tese de se estabelecer mecanismos de controle para imprensa. Pode? O homem, acusado de também botar no bolso uma parte dessa grana roubada da Petrobrás, que censurar a imprensa que denuncia a roubalheira ao invés de propor medidas que estanque essa sangria. Isso é antigo, quando a notícia é ruim a gente mata o carteiro.

Num quadro tão deprimente é de se perguntar onde foi parar a postura ética, os valores morais, que as esquerdas diziam possuir durante os anos de chumbo de combate ao arbítrio. Houve caminhada tenaz numa luta de várias frentes, entre estas contra a corrupção que dizíamos ter tomado conta do País durante a ditadura; pessoas morreram, pessoas foram presas, pessoas desapareceram, pessoas foram torturadas, pessoas tiveram suas rotinas estropiadas para que, entre outras coisas, a honestidade voltasse a balizar as nossas relações em todos os níveis da sociedade, especialmente entre governantes e governados.

Isso não é coisa pouca, não é questão secundária, pelo contrário. Nada funciona ou se torna duradouro sem irrestrita confiança entre as partes. Instalado o clima de desconfiança, do salve-se quem puder, o futuro fica comprometido.

Assim, não podemos fazer como o avestruz numa hora dessas. É indispensável encarar a dura realidade do que as esquerdas transformaram o Brasil nesses pouco mais de vinte anos de governança. Esse não é o Brasil buscado a todo custo. Os jovens que olham os acontecimentos precisam ter a esperança de que ser honesto vale a pena. É a eles que devemos satisfações. Tanto do futuro, que lhes garanta uma vida digna, quanto do passado, para que não pense que fomos embusteiros quando lutamos por uma nova sociedade, um novo Brasil.

Membro da Academia Passo-fundense de Letras.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Freud explica o fascínio pela ditadura cubana?

É difícil de entender como tantos democratas brasileiros e latino-americanos – a totalidade de esquerda, parte se reconhece como intelectual – quase vão ao orgasmo ao falar de Cuba, a bela fazendola de Fidel Castro. Ninguém, entre os ferrenhos defensores desse regime foge para a ditadura da ilha, nem sonha em morar lá, mas defende o que acontece no país sem se dar conta da esquizofrenia embutida em tal postura.

Aliás, a questão do êxodo é ponto crucial: desde janeiro de 1959, data em que os Castros se adonaram do território e começaram os fuzilamentos e prisões em massa sem qualquer julgamento civilizado centenas de milhares fugiram DA ilha e quantos fugiram PARA a ilha? Mas que diabo de paraíso é esse que ninguém deseja habitar?

Aos 16/17 anos, estágio em que a ignorância crê que sabemos tudo, é comum achar que ditadura é opção contra as mazelas que afrontam. Nesse estágio de vida só o insensível deixa de apoiar a utopia da felicidade. Mas, já adulto, após os fatos provarem que a utopia só produz mortes, tortura, prisões, carnificina é insensatez fechar olhos, ouvidos e bocas para a tragédia – daí perguntar se Freud tem resposta. Carl Jung não responde porque trata do sonho, não do pesadelo. Nesse sentido, do México para baixo, só a ditadura Argentina, com 33 mil mortos, foi mais carniceira do que a ditadura de Fidel/Raul com seus mais de 20 mil mortos, a maioria por fuzilamento sumário.

Aos 16/17 anos o mundo é terrível (para Fidel jovem insatisfeito é frescura burguesa, lá ele iria para campo de trabalho forçado), quem terá coragem de consertar? Assim, munidos da ultrassabedoria que Deus só dá aos adolescentes, vamos à luta. Ao parar, tossimos a poeira ao constatar que integramos boiada enquanto Fidel curte delícias de nababo em Cayo Piedra tomando leite de vacas importadas e uísque escocês. (enquanto Fidel vive como burguês o turismo sexual se expande e as adolescentes se prostituem em busca do dólar que pode reduzir a penúria do cotidiano).

Cuba é simples de entender quando a gente cresce: lá só há o Partido Comunista mandando com mão de ferro na economia, ensino, imprensa, Judiciário, sindicatos, associações e mente das pessoas. Fidel é exímio condutor de boiadas, daí porque nossos democratas baixam a cabeça e o seguem cegamente? Repito o espanto: por que tantos democratas apoiam a ditadura cubana? Não pode ser apenas complexo de boiada!

O fantástico é que se surge uma dúvida na vida do cubano (é raro, dúvida é coisa de burguês decadente) o Departamento de Orientação Revolucionária (DOR) diz, em nome de Fidel, como o camarada deve agir; estabelecendo, assim, o domínio de corpo e mente como descreve Czeslaw Milosz, polonês Nobel de Literatura que sentiu na carne o tacho dessas tiranias. Que o cubano seja criança grande sem alcançar a emancipação típica que faz cidadãos íntegros, não surpreende, é assim nas tiranias. O que também nos leva apelar para Sigmund Freud é o cidadão fora de Cuba se comportar como adolescente imberbe diante do que ocorre na Ilha. Mais: como o jovem travesso contestador daqui apoia quem esmaga o jovem travesso e contestador de Cuba?

A tirania impede a emancipação do ser humano, tornando-o robô, dotando-o de nano cidadania, mas no Brasil, o que gera a cegueira? O que produz a esquizofrenia de condenarmos, em dado momento, as ditaduras e, no momento seguinte defendermos a tirania cubana como faz parte da chamada esquerda brasileira e significativo número dessa categoria que denominamos de intelectual? Cartas para a redação!

PS.: Com o fim do embargo, burrice da diplomacia Big Stick dos EE.UU (só quem ganhou foi Fidel), teremos em Cuba, assim como na Argentina e Brasil, uma Comissão da Verdade que revele as atrocidades cometidas por uma das últimas excrescências do socialismo real (ao lado de Coréia do Norte) ainda existente no Planeta?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

A corrupção e os jovens de 1964!

É fantástico registrar: os adolescentes brasileiros da década de 1960 foram à luta contra o arbítrio, enfrentam todo tipo de percalço e chegam ao poder central. A garotada do "abaixo a ditadura", do "povo unido, jamais será vencido", do "quem sabe faz a hora, não espera acontecer", do "é proibido proibir" chegou aonde um dia desejou estar. Muitos tombaram no caminho – tinha-se consciência desse risco – mas a realidade é que essa geração que foi às ruas está hoje no poder, é bom que se diga.

Hoje, para ilustrar, fico me perguntando: a partir do golpe militar de 1964 até a redemocratização do país, na década de 1980, quantas reuniões foram realizadas por tais adolescentes para decidir o tipo de Brasil a ser consolidado caso chegassem ao poder após derrotarem os ditadores? Milhares! São raros os recantos da Pátria – no campo e na cidade – onde não tenha ocorrido reunião, a maioria clandestina, com tal objetivo.

Quando minha memória se aviva nessa linha me emociono, pois não falo por ter lido nos livros. Reuniões foram feitas aos milhares para inflamar cada um e todos sobre a necessidade de não esmorecer diante do arbítrio que às vezes parecia ser eterno, intransponível. Lembro-me de muitos que, exaustos e com essa sensação tomando conta de seus seres, abdicaram desse caminho e foram cuidar de suas vidas.

Foram variados os temas dessas reuniões, pois se tratava de fazer o novo Brasil e nada mais complexo do que isso, embora na adolescência tenhamos aquela certeza que ilumina com segurança e deixa qualquer adulto com cara de ignorante. Claro, falávamos em democracia – às vezes para dourar a pílula – mas questões como éticas, honestidade, preceitos morais raramente deixavam de estar em pauta.

A sensação de que, naquele tempo, o Brasil tinha sido engolfado pela corrupção faziam com que colocássemos o tema como a prioridade das prioridades. Sim, dizíamos, no dia que chegássemos ao poder acabaríamos com a corrupção que só traz infelicidade, desanimo, angústia. Lugar de corrupto e de corruptores é na cadeia, vociferávamos, com a boca cheia. Lembro-me de ter ouvido a expressão "o verdadeiro revolucionário vai combater a corrupção do a quem doer" várias vezes de líderes que chegavam dos grandes centros para nos trazer instruções de como agir a cada momento.

Pois é, quem diria, nós, os adolescentes de 1960, chegamos ao poder. Chegamos ao poder central em Brasília, estamos no lugar aonde, teoricamente, há força para fazer tudo o que gostaríamos de realizar quando estávamos na clandestinidade. E chegamos pelo voto democrático. E daí? Daí que reproduzimos o que havia de pior nas elites corruptas que combatíamos, botamos a mão em dinheiro público com a cara deslavada traindo nossas promessas em busca de um Brasil decente.

Diante de escândalos que pipocam às centenas como mensalão, privatária, petrolão, patrocinado por ex-adolescentes que estavam nas ruas arriscando a vida para um dia acabar com a corrupção, cabe a pergunta: o que falhou, o que deu errado entre a luta difícil, cheia de riscos e a chagada aos salões acarpetados, cheios de mordomias?

Quem explica que o jovem de 1964, inundado de idealismo, que arriscou a vida, que foi torturado, que foi preso, se torne no adulto de hoje com cara de pau suficiente para patrocinar um dos períodos mais tristes da nossa história do ponto de vista ético e moral? Como esses adolescentes se atolaram na corrupção e se lambuzam com tudo o que condenávamos na maldita "direita" que condenamos com tanto rigor tão logo chegam ao poder.

É terrível tudo isso. Também no Brasil a utopia do homem novo fracassou. O que nos levou às ruas em 1964 morreu em algum momento depois de uma efêmera vitória. O que nos levou às ruas contra a ditadura morreu e no seu lugar veio algo que nos encastela em apartamentos tríplices para sermos iguais aos que condenávamos.

O que nos levou às ruas em 1964 precisa ser resgatado em 2015, este é o novo desafio.

Membro da Academia Passo-fundense de Letras